

# 1.º CURSO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA (LISBOA, 1885)

por

Ana C. N. Martins\*

“Grâce à votre activité, à vos soins, l’archéologie  
de vôtre pays a pu prendre une position, qui  
était nécessaire pour la vraie connaissance  
de votre histoire”

(Landberg, em carta dirigida a Possidónio, em 1883)

**Resumo:** Num tempo em que a indiferença governamental impedia, no nosso país, o necessário desenvolvimento dos estudos arqueológicos, de um modo genérico, e dos pré-históricos, muito particularmente Possidónio da Silva pugnaria pela institucionalização do seu ensino, nomeadamente a um nível universitário. Pretendendo sensibilizar as autoridades competentes para a sua urgência, enquanto uma das múltiplas formas de reencontrar-se todo um passado, queurgia conhecer, salvaguardar e divulgar, de-linearia, em meados dos anos oitenta do século XIX, e no âmbito da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, um *Curso Elementar de Archeologia*, no qual concederia uma notória primazia ao ensino da Arqueologia Pré-histórica.

**Palavras-chave:** Arqueologia pré-histórica; ensino da Arqueologia; salvaguarda do património histórico.

## INTRODUÇÃO

A História da arqueologia perfaz-se, na realidade, da análise de diferentes aspectos, sendo um deles o da sua própria institucionalização – enquanto ciência –, enquanto uma das etapas cruciais na sua afirmação e propagação no seio das mais diversas ciências e sociedades, ao mesmo tempo que conduziria à mutação das suas mundividências.

---

\* Associação dos Arqueólogos Portugueses. Email: anamartins@teleweb.pt

Uma das fases imprescindíveis na concretização do objectivo geral de qualquer novo ramo científico, ou seja, o seu reconhecimento institucional enquanto disciplina científica, revelar-se-ia, precisamente, o início do seu ensino a um nível universitário.

Até ao surgimento de cadeiras específicas de Arqueologia, de um modo geral, e de Arqueologia Pré-histórica, em particular, no âmbito de estabelecimentos de ensino superior público, não podemos, na realidade, mencionar a existência de profissionais de Arqueologia.

Efectivamente, verificamos que, até essa altura, seriam essencialmente os denominados *dilletanti*, quem verdadeiramente se dedicariam aos estudos arqueológicos. Fosse em consequência da detenção de todo um capital económico, bem como de um outro, de natureza iminentemente cultural, essas personalidades oitocentistas, possuidoras dos mais variados títulos académicos, nas mais diferentes áreas de estudo, permitiam-se, em última instância, conceder parte significativa da sua vida activa – quando não a sua totalidade! – às mais variadas questões inerentes ao desenvolvimento da ciência arqueológica, frequentemente aliadas às de outras disciplinas emergentes e afirmantes ao longo de todo o século dezanove, como seriam a antropológica, ou até mesmo a etnográfica.

Não podemos, contudo, obviar a relevância das suas actividades e investigações nesses campos científicos, nem sequer o papel determinante e precursor que muitas dessas personalidades assumiriam no dealbar da afirmação desse conjunto de disciplinas, nomeadamente da arqueológica. A eles ficamos a dever, indubitavelmente, o trilhar da maioria e dos mais interessantes e cruciais caminhos no âmbito da Arqueologia, que seriam, ulteriormente, prosseguidos por muitos outros nomes, mesmo que contornando as indicações e teorizações traçadas inicialmente pelos seus predecessores e, frequentemente, principais mentores.

Um dos projectos que algumas dessas individualidades europeias mais pugnariam por verem concretizado, seria, precisamente, o da institucionalização do ensino da Arqueologia, preferencialmente no seio de todo um meio académico e universitário. Revelar-se-ia, essa, uma das condições *sine qua non* para o surgimento de toda uma nova geração, que pudesse assumir o exercício da Arqueologia de uma forma verdadeiramente profissional. Desse estatuto dependeria, na verdade, o futuro da ciência, em si, e a afirmação e prestígio que pudesse alcançar no seio das sociedades ocidentais.

Valorização sócio-cultural essa que dependeria, no fundo, da própria formação arqueológica, adquirida nos bancos universitários, trabalhada no seio de novos quadros epistemológicos, e de uma nova mundividência, que colocava em questão, muito naturalmente, toda uma educação de cariz judaico-cristã. Urgia, pois, problematizar esse quadro teórico tradicional, à luz das recentes descobertas geológicas, paleontológicas, arqueológicas e antropológicas, mediante a aplicação

de novos métodos de observação, registo, classificação e análise, como seriam o estratigráfico, tecnológico e tipológico, para além de se recorrer, frequentemente, a toda uma série de comparações etnográficas para explicitação de algumas das realidades materiais, com as quais se deparariam.

A institucionalização do ensino universitário da Arqueologia revelar-se-ia decisivo, não apenas na paulatina e imprescindível modificação da mentalidade das sociedades ocidentais – sem a qual o seu estatuto dificilmente se afirmaria –, como, sobretudo, no desenvolvimento do próprio exercício da sua ciência, nos seus mais diversificados campos específicos de investigação. Mas, para tal, seria absolutamente necessário desenvolver o ensino de toda uma série de ciências que, habitualmente, seriam tidas enquanto meras auxiliares no estudo da História da Antiguidade, e nas quais, ademais, se incluiria, durante largas décadas, a própria Arqueologia.

Efectivamente, também no nosso país se leccionariam – e à semelhança do que sucederia nos demais países europeus, de entre os quais a própria Espanha –, cursos específicos de latim, epigrafia e numismática, ministrados por algumas das personalidades mais marcantes de toda a nossa cultura e literatura de oitocentos, essencialmente no âmbito das instalações da Biblioteca Pública de Lisboa e Torre do Tombo. Aliás, alguns dos principais nomes da Arqueologia que se praticaria em território português, sobretudo a partir de meados do século XIX, teriam cursado, precisamente, essas mesmas prelecções, após as quais dedicariam grande parte das suas vidas ao estudo dos períodos proto-históricos e romano, com base, por exemplo, em múltiplas e sucessivas investigações epigráficas.

Evidentemente, que essa tradição decorreria de toda uma outra, de perfil iminentemente renascentista, humanização, impulsionada e personificada por individualidades tão marcantes da História da nossa Cultura, como teriam sido as de André de Resende e Frei Manuel do Cenáculo. Empenhamento esse que denunciaria, no entanto, uma importantíssima evolução epistemológica, relativamente ao tipo de estudos que vinham sendo efectuados, até à altura, um pouco por toda a Europa. Contrariamente a todo um somatório de ensaios literários, cuja principal preocupação se manifestaria na harmonia dos acontecimentos históricos com os próprios postulados e predizeres bíblicos, bem como o relato e ênfase dos feitos reais, a cultura humanista colocaria em dúvida a veracidade de muitas das asserções que seriam dispostas ao longo das suas páginas.

Mediante um criterioso estudo comparativo, entre os conteúdos das mais variadas crónicas e os de múltiplas epígrafes, os homens da ciência de seiscentos denunciariam o seu carácter falacioso, quando não mesmo destorcido. Para além disso, denotariam a, quase completa, omissão de acontecimentos imprescindíveis à compreensão do devir das mais diversas nações europeias, como seriam os imputáveis à acção de outras camadas sociais, que não propriamente a aristocrata, ou, mesmo, alta burguesia.

Consciencializava-se que a realidade história seria bastante mais rica e profícua do que a incutida até então, e que a mesma só poderia ser verdadeiramente perscrutável e apreendida, não apenas mediante uma contínua intersecção de saberes, como, sobretudo, por meio de uma judiciosa análise dos mais diversos tipos de documentos, no seio dos quais passariam a pontificar os epigráficos, porque considerados mais fiáveis, em termos de uma verdadeira adequação à realidade passada.

Para além disso, e já num espírito iminente iluminista, os documentos epigráficos (bem como os numismáticos), poderiam revelar uma outra categoria de conhecimentos, dessa feita mais intimamente relacionados com a História de diversas localidades e regiões. Embora esses estudos tenham surgido em plena *Época das Luzes*, com a necessidade de descentralizar os estudos científicos – nomeadamente com a formação das primeiras academias e sociedades regionais, iminente vocacionadas para o desenvolvimento da investigação histórica regional e local –, os estudos epigráficos afirmar-se-iam enquanto um poderoso e incontornável método para a delineação dessa mesma História, e de uma forma mais evidente e consistente, em finais de XVIII, princípios do século XIX. A esse verdadeiro movimento não terão sido estranhas determinadas intencionalidades hegemónicas, manifestadas por parte de algumas nações europeias, nomeadamente da francesa, que teriam determinado, em última instância, a premência e o despontar dessas investigações, de cariz independentista.

Ademais, seria o prosseguimento desses mesmos estudos epigráficos que, aliado ao surgimento e desenvolvimento das investigações geológicas e da Arqueologia Pré-histórica, impulsionariam, verdadeiramente, o interesse das entidades, cultural, económica e socialmente, mais influentes, para o aprofundamento das investigações arqueológicas que pudessem, de alguma forma, evidenciar a especificidade de cada uma das suas regiões, bem como o seu direito à diferença e autonomia. Seria uma maneira mais, de salientar as suas originalidades, face a pretensões agregadoras, tanto por parte do poder central, como de outras monarquias europeias, com um espírito politicamente assimilador.

Poderemos, é verdade, questionar as razões, pelas quais os poderes institucionalizados sentiriam a necessidade de criar, um pouco por toda a Europa, cadeiras e cursos de Arqueologia nos seus principais estabelecimentos universitários. Poder-se-á pressupor que as próprias universidades não terão sabido abrir, oportuna e atempadamente, as suas portas aos estudos arqueológicos.

O desarticulamento observado entre o desenvolvimento das investigações arqueológicas, de um modo geral, e a instauração de cursos universitários de Arqueologia, em particular, ficar-se-ia a dever, na sua essência, a todo um novo quadro teórico que desafiaria um outro, há muito imposto e divulgado, a partir das mais variadas cátedras. O aparecimento de alguns cursos arqueológicos, temáticos e circunstanciados, nalgumas das principais universidades europeias, verificar-se-

-ia somente numa altura em que alguns dos principais postulados teórico-práticos, característicos da ciência arqueológica, teriam sido, há algum tempo, abrangentemente apreendidos, interiorizados e aplicados, pela maior parte da comunidade científica mundial, ao mesmo tempo que largamente divulgados no seio de um vasto espectro das suas sociedades, por intermédio dos mais variados meios de comunicação de oitocentos.

Seria apenas perante a irreversibilidade da relevância dos estudos arqueológicos, bem como da sua sobrelevância, relativamente a toda uma anterior mundividência, que a sua ciência passaria de um estatuto, meramente diletante, para um outro, iminentemente científico, com um objecto, objectivo e pressupostos teórico-práticos muitos próprios.

Essa situação seria válida para a maioria do quadro académico europeu da época, em cujas universidades iam sendo inaugurados pequenos cursos temáticos de Archeologia, graças a uma vontade inabalável, e a um espírito profundamente persistente, manifestados por alguns dos nomes mais carismáticos da investigação arqueológica, em geral, e da pré-histórica a antropológica, muito particularmente. Instauração essa, à qual não terá sido indiferente o notório ascendente e influência que algumas dessas personalidades deteriam no seio da comunidade científica mundial, assim como no das suas próprias sociedades nacionais. Essa sua influência ter-se-ia engrandecido através das múltiplas verificações da imprescindibilidade das suas investigações na necessidade de afirmação de algumas das suas fronteiras geográficas, bem como na conservação das suas identidades culturais e nacionais. Consequentemente, não seria, pois, surpreendente o surgimento e organização de cursos, cujos conteúdos demonstrariam uma clara preocupação em sublinhar a anterioridade e especificidade da cultura material de cada país, face às demais regiões circundantes, num espírito manifestamente nacionalista e, pontualmente, regionalista.

Constatamos, não obstante, que todos os cursos inaugurados na Europa ao longo da segunda metade de oitocentos, e de alguma forma relacionados com os estudos arqueológicos, contrastariam com os regidos na América do Norte, nomeadamente na ênfase que concederiam à permanente contextualização histórica dos fenómenos analisados. Na América, as investigações arqueológicas relacionar-se-iam, desde sempre, mais directamente com os dados que iam sendo fornecidos pela ciência antropológica, não propriamente do ponto de vista da Antropologia Física – como sucederia no Continente europeu –, mas, sobretudo, da Cultural. Nesse aspecto, a Antropologia tornar-se-ia relevante e incontornável, enquanto forma de atribuir às evidências materiais uma maior humanidade, enquanto meio de descortinar sujeitos por detrás das realidades matéricas. Far-se-ia, assim, depender exclusivamente da vontade e capacidade humanas, os progressos constatados ao longo do processo evolutivo, detectado nas sucessivas séries tipológicas e tecnológicas.

Não deveremos, no entanto, olvidar que, para explicitações congêneres, os investigadores socorrer-se-iam amiudada e frequentemente a comparações etnográficas, às quais, aliás, não se furtariam estudiosos portugueses, de entre os quais salientaremos o próprio Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), arquitecto e propugnador da salvaguarda de todo um património histórico nacional, e um dos principais divulgadores e vulgarizadores da importância da Arqueologia, como no-lo constata o conteúdo do seu “Curso Elementar de Arqueologia” (*Vide infra*).

### **1. Antecedentes do 1.º Curso Elementar de Archeologia**

À semelhança do que sucederia na vizinha Espanha, também em Portugal a Arqueologia veria o seu verdadeiro estatuto científico reconhecido oficial e institucionalmente, apenas em finais dos anos oitenta do século dezanove, não obstante a instauração do seu ensino, ao nível primário e secundário, bem como a inauguração, no país vizinho, da Academia Espanhola de Arqueologia, em 1837.

Para além das razões comuns à maioria dos demais países europeus, estaria subjacente à notória e delonga ausência de cadeiras e cursos de Arqueologia a um nível universitário, o facto da maioria da principal bibliografia dessa, bem como de outras ciências sociais, ter sido, praticamente, inexistente nas nossas principais bibliotecas públicas e centrais, assim como o seu livre acesso, notoriamente cerceado. A tal evidência não terá sido alheio o facto de grande parte do pecúlio bibliográfico desses mesmos estabelecimentos, ter sido, na sua essência, perfeito e acrescentado pelo espólio pertencente aos principais conventos e mosteiros do nosso território, até à desamortização e venda dos seus bens em hasta pública, em meados dos anos trinta dessa mesma centúria.

A essa constatação, acrescentar-se-iam outras, como a da evidente e persistente ascendência que a religião católica ainda possuiria no seio da nossa sociedade, não obstante toda uma série de procedimentos, no sentido de se instituir um ensino liberal e positivista. Teria influído, nesse mesmo processo, a decorrente dificuldade em discernir e interiorizar alguns dos progressos mais significativos que se operariam no âmbito da investigação arqueológica, nomeadamente a partir de meados dos anos cinquenta, quando aquela ciência atingiria a sua “maioridade”. Maturidade essa que seria alcançada após o reconhecimento generalizado, por parte da comunidade científica mundial, de três dos principais pressupostos teóricos que residiriam na sua base: os princípios do naturalismo e do evolucionismo, ou seja, a afirmação da lei do progresso geral da Humanidade; do desenvolvimento similar, e o da alta antiguidade do Homem. Postulados que divergiriam, significativamente, dos oficialmente defendidos e veiculados pela Igreja, até então.

A maioria dos estudos da Antiguidade resumir-se-ia, na verdade – como já foi referido anteriormente –, e à semelhança do que se operaria noutros países europeus, ao ensinamento de conhecimentos nos campos da epigrafia e da numismática, bem como do latim, paleografia e diplomática.

Porém, se a situação seria apaziguadora e comumente aceite, no tocante a esse conjunto de ciências – ditas auxiliares da História –, ela revelar-se-ia menos pacífica quando as temáticas em questão passavam a respeitar períodos da existência do Homem, que iam bastante além de toda uma memória escrita ou, pelo menos, difundida dessa maneira. Reconhecendo a incontornabilidade da investigação arqueológica para o conhecimento de épocas tão recuadas – e para as quais não se possuiria nenhum, ou muitos escassos documentos escritos –, a comunidade científica impelia-se, concomitantemente, a reconhecer a Arqueologia enquanto ciência, de pleno direito, com um objecto, objectivo e métodos de investigação muito próprios, sem cujos resultados seria impossível aceder a todo um conjunto desses mesmos saberes.

Admitir a oportunidade da existência de uma nova ciência, que dava pelo nome de Arqueologia Pré-histórica, seria, no entanto, conceber igualmente uma época da História da Humanidade, para cuja elucidação os relatos bíblicos revelar-se-iam manifestamente diminutos, esparsos, inconclusivos e, o que seria determinante, pouco esclarecedores e mesmo omissos. Haveria, pois, uma larga faixa temporal percorrida pela Humanidade, da qual pouco ou nada se saberia. Caberia, por isso, à Arqueologia, assumir o seu verdadeiro estatuto de esclarecedora de todo um passado olvidado ou omitido, para o qual não existiriam outros registos, que não os propriamente deixados pelas comunidades vivenciadoras de todo um conjunto de culturas materiais. Resquícios esses que sofreriam um processo evolutivo extremamente lento, é certo, mas suficientemente perceptível no registo estratigráfico, e na análise tecnológica e tipológica, para confirmar a crença positivista e generalizadora nas capacidades ilimitadas do ser humano.

Estatuto e reconhecimento esses que seriam, posterior e simultaneamente, alargados a outras esferas dos estudos arqueológicos, nomeadamente dos reportáveis à denominada “História” (por oposição/contraste, à Pré-história e Proto-história), quando os investigadores se aperceberiam, de uma forma definitiva, da importância do emprego dos métodos aplicados na Arqueologia Pré-histórica na investigação de sítios mais tardios, enquanto um dos parcos – e essenciais –, meios de obter o maior número possível de informações que possibilitassem uma reconstituição dos quadros vivenciais dos seus utilizadores, nomeadamente daqueles que não teriam obtido qualquer eco nos documentos escritos.

Destarte, alargar-se-iam infinitamente os horizontes dos estudos arqueológicos, bem como históricos, tanto a um nível cronológico, como até mesmo temático.

O percurso trilhado pela Arqueologia no nosso país seria um pouco tortuoso,

quer atendendo aos factores anteriormente invocados, como pela diminuta comunidade científica portuguesa que se dedicaria a esse círculo de estudos tão específicos. Quer em consequência de preocupações literárias de outra índole, como da periclitante situação política nacional, algumas das mais ilustres personalidades portuguesas seriam induzidas a conceder a maior parte do seu tempo, e esforços, ao desenvolvimento de diversos sectores da nova realidade político-social do país, bem como a tantas outras investigações que fundamentassem alguns desses mesmos desideratos, considerados mais urgentes, pragmáticos e úteis para o devir próximo de Portugal.

Tais factores seriam acrescentados pela indiferença e insensibilidade, que desde sempre seriam demonstradas pelo poder central, mesmo que liberal, força, quiçá, de outras e numerosas prioridades económicas, que lhe impunham uma constante escolha entre o bem estar económico-social e o cultural das populações. Previsivelmente, seria este último a ser frequentemente relegado para um futuro incerto, indeterminado e impalpável. E, no seio das prioridades culturais e educativas, a Arqueologia não lograria obter um estatuto de centralidade, pelo menos a um título oficial e institucional, até, sensivelmente, meados dos anos noventa, quando se inauguraria o Museu Etnológico de Belém, e numa altura em que os sons das revoltas decorrentes do “Ultimatum Inglês”, ainda escoariam de forma bastante veemente.

Esse quadro, algo desanimador, não constituiria uma prerrogativa única dos estudos arqueológicos no nosso país. Efectivamente, essa situação de desinteresse generalizado, estender-ser-ia a outros campos do conhecimento humano, nomeadamente no que à História da Arte e da Arquitectura respeitava.

Seria perante esse panorama, que o arquitecto português e estudioso da História da Arte e Arqueologia, Possidónio da Silva, perspectivaria uma série de cursos particulares, tendentes a colmatar, circunstancialmente que fosse, essa omissão no ensino que seria, genericamente, ministrado no nosso país.

Mas, se numa primeira fase da sua campanha em prol da salvaguarda do património histórico de Portugal, essas prelecções ter-se-iam revelado suficientes, rapidamente se tornariam, notoriamente redutoras. Na verdade, e perante a urgência de conservar todo um conjunto de edifícios históricos nacionais, nomeadamente medievais (porquanto artística e historicamente menos conhecidos entre os nossos estudiosos), tornara-se verdadeiramente premente divulgar toda uma série de conhecimentos que pudessem conduzir ao despertar definitivo da sensibilidade e interesse das mais diversas autoridades, locais e centrais, para a importância da preservação daqueles documentos pétreos. Relevância essa que se tornaria notoriamente crescente, sobretudo atendendo ao papel crucial que poderiam deter em todo um processo de rememoração de um passado que se pretendia glorioso e unificador dos sentimentos portugueses, num verdadeiro espírito que se pretendia de unidade nacional.



Contudo, e perante o alargamento dos próprios horizontes pessoais de Possidónio da Silva, decorrente da sua frequente participação nos mais diversos simpósios científicos internacionais, e que seria facilitada, quer pelo seu próprio capital económico, como pela influência que deteria no seio da Casa Real, que possibilitava a sua periódica dispensa do cargo de arquitecto principal, que manteria naquela instituição monárquica portuguesa, rapidamente instituiria toda uma série de pequenos cursos, que abrangessem temáticas inerentes ao estudo do passado.

Inicialmente escolhidos pelos assuntos arquitectónicos que abordariam, e que seriam debatidos no âmbito da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, que fundaria em 1863, Possidónio acederia a outros tantos, fossem eles iminentemente vocacionados para a troca de experiências e conhecimentos no campo da conservação dos monumentos edificados, como, ainda, nos da Etnografia, Arqueologia e Antropologia.

Para o surgimento desses seus interesses científicos ter-se-ão revelado factores determinantes, não apenas a formação académica obtida em terras francesas e italianas, entre 1825 e 1833, como a sua activa participação na Exposição Universal de Paris, no ano de 1867, onde, pela primeira vez, seria exposta uma colecção de artefactos pré-históricos, conjuntamente a uma outra, de perfil antropológico-etnográfico, para suporte exemplificativo do carácter utilitário daqueles mesmos materiais.<sup>1</sup>

Seria a partir de então que se denotaria uma mudança em Possidónio da Silva, perceptível, quer nos artigos que redigiria para o órgão impresso e oficial da *Real Associação*, o *Boletim de Architectura e Archeologia*, como, ainda, nas colecções do Museu Arqueológico dessa mesma sociedade, bem como nas duas obras que escreveria sobre Arqueologia, entre meados dos anos setenta e oitenta, para já não mencionar a assídua e profícua correspondência que, doravante, manteria com as principais personalidades daqueles ramos do conhecimento científico.

Seria igualmente a partir de princípios da década de setenta, que Possidónio passaria a conceder uma notória relevância aos estudos arqueológicos, em si. Consciencializando que se poderia salvaguardar somente o que se conhecesse, e que as noções implícitas a esse mesmo discernimento implicariam, não apenas a promoção dos mais variados estudos, como também a sua futura disseminação e vulgarização no seio do mais amplo espectro do nosso tecido social e cultural, Possidónio da Silva perspectivaria toda uma série de actividades que conduzissem à promoção e efectivação desses mesmos desideratos.

---

<sup>1</sup> Ana C. N. Martins, "Perspectivas antropológicas no Museu Archeologico do Carmo", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 41 1/2, Porto, S.P.A.E., 2001, pp. 53-75 (neste vol.).

Seria, nesse espírito, que realizaria, ele próprio, diversas investigações no terreno, fosse ao nível de prospecção, como de escavação, ao mesmo tempo que intentaria despertar as consciências regionais e locais para a importância e urgência da conservação, tanto das estruturas, como dos artefactos postos a descoberto, na afirmação de sentimentos regionalistas e municipalistas.<sup>2</sup>

Não descuraria, no entanto, as sucessivas instâncias, que promoveria pessoalmente, no sentido de ser legislada a efectiva salvaguarda de todo o nosso património histórico-arqueológico, nomeadamente através da atribuição do conceito de monumento nacional a algumas das suas principais e mais significativas estruturas. Intencionalidade que veria materializada apenas com a instauração da *Comissão dos Monumentos Nacionaes*, no ano de 1880, e da qual seria seu presidente durante, pelo menos, doze anos consecutivos.

Não obstante, Possidónio percepcionaria que a futura implementação, e ulterior desenvolvimento, da ciência arqueológica no nosso país não poderia depender exclusivamente, nem de interesses pessoais e circunstanciados, nem tão pouco de todo um capital cultural e económico que algumas individualidades deteriam, e que permitiria, ou não, a prossecução de alguns projectos de investigação pontual. A cimentação da investigação arqueológica deveria depender, no nosso, como nos demais países, de uma vontade política concertada, viabilizadora da sua institucionalização, nomeadamente através da instauração de cadeiras e cursos de Arqueologia a um nível universitário. Cursos esses que deveriam perspectivar a criação, tanto quanto possível, de uma verdadeira escola de investigadores.

Seria perante a persistência dessa indiferença, assumida pelos órgãos oficiais de direito, relativamente à urgência do alcance desses mesmos intuitos, que Possidónio procederia a um conjunto de actividades que visaria, na sua essência, o preenchimento desse incómodo vazio, patenteado no nosso quadro educativo. No decurso dessas conjecturas, Possidónio entenderia pertinente inaugurar um Curso de Arqueologia no âmbito particular da *Real Associação*.<sup>3</sup>

Esse Curso de Arqueologia seria largamente divulgado e aplaudido, entre outros locais, no estrangeiro, como, por exemplo, no decorrer de uma das sessões gerais da *Société Française d'Archéologie pour la Conservation des Monuments Historiques* – fundada na Normandia pelo historiador da Arte e arqueólogo fran-

---

<sup>2</sup> Sobre esta temática, vide Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica. Um Percorso na Arqueologia Portuguesa de Oitocentos*, Texto policopiado, Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Lisboa, F.L.U.L., 2000.

<sup>3</sup> “Chronica da nossa associação”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. IV, n.º 9, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1885, pp. 159-60; *Correspondência Epistolar entre Emilio Hübner e António Mesquita de Figueiredo (Arqueologia e Epigrafia). 1898-1900*, Lisboa, Impressão Portugal, 1848, p. 45.

cês, Arcisse de Caumont (1802-1873) –, ocorrida em Moutbrison, no ano de 1885. Seria o, então, presidente, Ch. Laurière, a proceder ao seu elogio, que repetiria e corroboraria no ano subsequente, com as seguintes palavras:

“notre vénérable confrère M. da Silva... à tenu a montrer une fois de plus le soin qu’il met à propager dans son pays les doctrines et les tendances d’Arcisse de Caumont et de ses sucesseurs.”<sup>4</sup>

Possidónio passaria, assim, a enquadrar essa plêiade de personalidades de oitocentos que se dedicariam à promoção dos estudos arqueológicos nos seus respectivos países, à semelhança do que vinha sucedendo nos demais da Europa Ocidental. Na verdade, teria sido desde meados do século XVII, que se assistira, no estrangeiro, à institucionalização de um ensino académico, paralelamente ao universitário, como um dos principais meios encontrados para vulgarização dos mais diversos conhecimentos científicos.<sup>5</sup> Oitocentos revelar-se-ia, nesse aspecto, não apenas uma decorrência de todo esse processo como, sobretudo, o seu estágio conclusivo.

Possidónio teria razões suficientes para sublinhar a ausência de uma vontade institucional em estabelecer um curso universitário daquele ramo científico, num âmbito mais abrangente no nosso território. Na verdade, seria um facto incontornável que, em 1888, a Universidade de Coimbra ainda não teria instituído um Curso de Arqueologia, numa altura em que, já em 1879, o arqueólogo português, Estácio da Veiga, consideraria a sua urgência, porquanto “esses monumentos, não havendo quem os entenda, quem os estime, e véle pela sua conservação, se vão pouco a pouco extinguindo...”,<sup>6</sup> como expressaria, amarga e pessoalmente, a Possidónio da Silva. E seriam, na maioria dos casos, as próprias câmaras municipais, que, “participando largamente da indiferença commum, [eram] muitas vezes os mais poderosos agentes de destruição”.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> *Séances Générales de la Société Française d’Archéologie pour la Conservation des Monuments Historiques*, XXXIIème sessão, 1865, p. 105.

<sup>5</sup> Colin-Simard, *Découverte Archéologique de la France*, Paris, Le Livre Contemporain-Amoit-Dumont, 1957, p.204; T. Griffiths, *Hunters and Collectors*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 133; *La Science pour Tous. Sur la Vulgarisation Scientifique en France de 1850 à 1914*, dir. Bruno Béguet, Paris, Bibliothèque du CNAM, 1990; A. Laming-Emperaire, *La Arqueología Prehistorica*, Barcelona, Ediciones Martínez Roca, 1984, p. 122, 181-82, 184; *L’Invention de la Pré-histoire*, dir. Nathalie Richard, Paris, Presses Pocket, 1992 p. 21; W. H. Stiebing Jr, *Uncovering the Past. A History of Archaeology*, Oxford, Oxford University Press, 1993, p. 194.

<sup>6</sup> I.A.N./T.T., *Correspondência Litteraria e Scientifica de J. Possidonio N. da Silva*, t. XVI, em 8.ª, doc. 3345, 1885. Ver também Joaquim P. N. da Silva, “Relatorio”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. VI, n.º2, 1888, p. 18; Estácio da Veiga, *Antiguidades de Mafra*, Lisboa, Typographia da Accademia, 1879, pp.34; Id., *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, t. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887, pp. 1-3; Id., *Memória das Antiguidades de Mértola, observadas em 1877 e relatadas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 4.

<sup>7</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. XVI, em 8.ª, doc. 3345, 1885.

Criticava-se, simultaneamente, a ausência de iniciativa e criatividade dos cursos, então ministrados na Biblioteca Pública de Lisboa, os quais versariam, na sua maioria, quase exclusivamente sobre numismática e epigrafia. Também Almeida da Câmara afirmaria que “O estudo d’archeologia devia constituir um curso annexo as Academias das Belas-Artes, devia ser feito tanto no curso superior de Lettras como ser uma cadeira annexa a cadeira d’architectura civil na Escola do Exercito e Academia Polythecnica do Porto e também, como aconteceu em França, uma cadeira do Curso dos Semminarios.”<sup>8</sup>

Evidência essa que contrastaria com a própria convicção de Possidónio, segundo a qual a Arqueologia,

“deveria contribuir para conservar á nação tantas preciosidades que a incuria e a ignorancia ja nos tem prejudicado bastante com desdouro para a nossa civilização!”<sup>9</sup>

Teria sido na sequência dessas ponderações, que após o Congresso de Bolonha, ocorrido em 1872, Possidónio resolveria inaugurar um ciclo de prelecções no Museu do Carmo, sob a designação geral de *Archeologia Prehistorica*, porquanto, na sua óptica,

“As noções as mais vulgares diffundidas no publico a respeito dos vestigios dos tempos prehistoricos, são em geral tão vagas, tão confusas, tão erroneas, e mui principalmente pela falta de se divulgarem esses estudos em Portugal, que julgámos seria de algum interesse para o seu conhecimento apresentarmos algumas considerações sobre essa remota epoca”,<sup>10</sup> ao mesmo tempo que pretendia “chamar a atenção de quem compete velar pela conservação d’esses antigos monumentos... a fim de se evitar a sua total ruína”.<sup>11</sup>

A 15 de Fevereiro de 1872, ou seja, em vésperas da inauguração daquele seu curso, Possidónio redigiria um folheto informativo, para publicação nos principais periódicos nacionais, onde descrevia, pormenorizadamente, os principais objectivos que se propunha alcançar, no âmbito das referidas prelecções. Mencionaria, então, que pretendia,

“= Expôr em uma succinta introdução quaes serão os pontos principaes de que me occuparei d’esta vez; bem como das vantagens que supponho se possam obter para se apreciar melhor os estudos archeologicos.= Para dar uma ideia como são uteis

<sup>8</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. XVI, em 8.ª, doc. 3373, 1885.

<sup>9</sup> “Chronica”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. I, n.º 10, 1876, p. 160.

<sup>10</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Archeologia Prehistorica”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. III, n.º 5, 1881, pp. 69-70.

<sup>11</sup> *Id.*, *Idem*, p. 72.

esses estudos, descreverei como são avaliados em Dinamarca; e qual é o empenho empregado por todas as pessoas d'aquelle paiz, para obterem e conservarem objectos de diversas epochas para a instrucção da historia do mundo, e das artes das antigas eras. Havendo eu tratado nas precedentes prelecções dos monumentos Celtas, tencio-no d'esta vez dar algumas explicações sobre as epochas prehistoricas, para demonstrar a vantagem de se conhecer essas remotas antiguidades, afim de se comprehenderem melhor as descobertas feitas nos referidos monumentos. = Proponho-me em seguida dar noticia dos trabalhos e das importantes descobertas archeologicas que foram referidas no Congresso de Bolonha; attendendo que as mesmas tem immediata relação com as differentes idades de que terei já tratado; cousa muito necessaria para a devida intelligencia do que tiver explicado; e egualmente mostrar os importantes resultados d'esta ultima reunião para o crescente progresso dos estudos em geral para a archeologia.= Finalmente farei uma resumida exposição do character monumental da Architectura nas differentes regiões da antiguidade.=<sup>12</sup>

O conteúdo deste último extracto será por demais relevante, porquanto ele confirma-nos uma ideia que procurámos difundir noutros trabalhos.<sup>13</sup> Convicção essa, segundo a qual, acontecimentos de projecção internacional, como o teriam sido, tanto a mencionada sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Archeologia Pré-histórica, de 1872, como, ainda, a Exposição Universal de Paris, a inauguração do *Musée des Antiquités Nationales*, em Saint-Germain-en-Layes, e a 2.ª sessão do, anteriormente, citado Congresso, no ano de 1867, revelar-se-iam primordiais na futura actividade de Possidónio, ao nível da divulgação da premência da instituição dos estudos arqueológicos – e, sobretudo, dos pré-históricos –, no nosso país, como forma de aceder a uma outra memória histórica, há muito olvidada, e que urgia conhecer. Somente mediante o seu discernimento seria passível a salvaguarda dos seus vestígios.

Efectivamente, verificamos que, em 1872, Possidónio denunciaria uma nítida abertura intelectual face ao que ia sendo realizado, debatido e publicado nos círculos científicos estrangeiros, induzindo-o a conhecer melhor os seus fundamentos, pressupostos teórico-práticos, assim como a sua posterior interiorização, e eventual aplicação nas suas próprias actividades, fossem elas de carácter associativo, ou não. Característica essa que, na realidade, o acompanharia até ao final da sua vida.

<sup>12</sup> A. H.J.A.A.P., *Actas do Conselho Facultativo*, n.º 99.

<sup>13</sup> Ana C. N. Martins "Possidónio da Silva, a R.A.A.C.A.P. e a Archeologia no Portugal de Oitocentos. A Conservação dos Monumentos Arqueológicos", vol. I, *Actas do 3.º Congresso de Archeologia Peninsular*, Porto, A.D.E.C.A.P., 2000, pp. 237-259; Ana C. N. Martins, "Possidónio da Silva, a R.A.A.C.A.P. e os Estudos Pré-históricos no Portugal Oitocentista", *Archeologia*, n.º 24, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1999, pp. 15-23; Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica, Um Percurso na Archeologia Portuguesa de Oitocentos*, Texto Policopiado, Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauo, Lisboa, F.L.U.L., 2000.

Essa predisposição detectamo-la, por exemplo, ao nível do próprio conceito de Arqueologia Pré-histórica – por oposição à “outra” Arqueologia, de perfil pré-clássico e clássico –, assim como do objecto e objectivo das suas investigações que, em última análise, obrigariam a uma revisão da própria noção cronológica da antiguidade do Homem.

Factores, como o profundo interesse que, desde muito cedo, manifestaria pelo estudo da História da Arte Medieval no nosso país, bem como a própria impermeabilidade de parte significativa da nossa sociedade às investigações pré-históricas, que iam sendo efectuadas um pouco por toda a Europa ocidental e, nomeadamente, em terras francesas e britânicas, teriam sido determinantes na ausência de monumentos edificadas imputáveis à Pré-história do nosso país, no primeiro levantamento – inventariação – que Possidónio levaria a cabo, em finais dos anos cinquenta.<sup>14</sup> Pensamos, contudo, que a consciencialização que teria, nessa altura, do próprio estádio evolutivo daquela ciência emergente, não se revelaria alheia àquela ausência.

Deveremos, no entanto, lembrar que, na época, ainda grande parte dos arqueólogos continuaria a atribuir aos celtas os vestígios materiais mais antigos, encontrados na Europa Central. Situação essa que perduraria, pelo menos, até ao, historiograficamente considerado, *annus mirabilis* (1859), quando, científica e oficialmente, se instituiria a existência do homem primitivo, e sobre cujas investigações Possidónio certamente se encontraria a par, nomeadamente através da vasta bibliografia que ia adquirindo, além-fronteiras, e que faria parte da sua própria biblioteca pessoal.<sup>15</sup>

Entre aqueles investigadores, pontificaria, entre outros, o arqueólogo francês, Arcisse de Caumont (1802-1873), que, relativamente ao território galês, consideraria os vestígios mais antigos de ocupação humana, como reportáveis, precisamente, à actividade celta. Concepção que incluiria, por exemplo, na sua obra, *Cours d'Antiquités Monumentales*, embora, posteriormente, no *Abécédaire*, já introduzisse a noção de homem quaternário, o que evidenciava uma notória apreensão dos estudos que, entretanto, teriam sido efectuados.<sup>16</sup>

A ascendência que os anteriormente mencionados eventos mundiais teriam, inegavelmente, sobre Possidónio da Silva, seria patente, logo em 1872, precisamente no âmbito daquele seu primeiro curso que, muito significativamente, intitularia *Archeologia Prehistorica*.

---

<sup>14</sup> Sobre os pormenores subjacentes a esse primeiro levantamento, *vide*, Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*, e, nomeadamente, o seu primeiro capítulo, para além do artigo, Ana C. N. Martins, “Vicissitudes de um Levantamento de Monumentos Históricos”. No prelo.

<sup>15</sup> “Monumentos célticos ou druidicos”, *O Panorama*, 3.ª série, n.º 2, 1853, pp. 52-3.

<sup>16</sup> J. Déchelette, *Manuel d'Archeologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, t. I, Paris, Picard et Fils, 1908, p. VIII.

Na transcrição que fizemos do folheto informativo dessas prelecções (*Vide supra*), constatamos que teria procedido a um outro ciclo de aulas sobre História da Arte, o qual iniciara, precisamente, com a análise de estruturas atribuídas à actividade celta. Situação que pretenderia alterar, iniciando o Curso com a Pré-história, isto é, com uma época anterior aos celtas.

Ademais, Possidónio negaria, já nas suas *Noções Elementares de Archeologia*, publicado em meados dos anos setenta, a atribuição dos monumentos megalíticos aos celtas.<sup>17</sup> Mas, essa, revelar-se-ia já uma outra época, nomeadamente no que aos estudos arqueológicos respeitava, porquanto, se, em Portugal, durante a década de quarenta, aquelas estruturas seriam ainda consideradas como legítimas representantes da época mais antiga das actividades humanas,<sup>18</sup> os principais investigadores nacionais concordariam, já nos anos setenta, com a existência do homem primitivo, enquanto tal.<sup>19</sup> Consciencialização que emergiria numa altura em que iam surgindo, embora cautelosamente, alguns trabalhos percursos no campo da arqueologia pré-histórica portuguesa, nomeadamente na figura de alguns dos principais colaboradores da *Comissão Geológica*.<sup>20</sup>

Mas, se a Exposição de 1867 constituíra um marco indiscutível no desenvolvimento da Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, nomeadamente por, contrariamente à Exposição Universal de Londres, realizada em 1851,<sup>21</sup> ter feito incluir no seu âmbito uma secção exclusivamente dedicada a colecções de artefactos pré-históricos – pensada e elaborada pelo arqueólogo francês Gabriel de Mortillet (1821-1898), coadjuvado pelo investigador Édouard Lartet (1801-1871) –, o Congresso de Bolonha teria sido determinante na interiorização de todo um somatório de quadros conceptuais, que tão profundamente iriam influenciar o futuro da investigação pré-histórica europeia.

Através da leitura do folheto daquele primeiro Curso, ministrado por Possidónio, percebemos algumas dessas mesmas conceptualizações teórico-práticas, de entre as quais destacaremos a referente aos métodos de análise estratigráfica, tecnológica e tipológica, estes últimos essencialmente concebidos por investigadores dinamarqueses. Abordagem essa que teria sido validada na prática, nomeadamente durante as escavações efectuadas nas *palafitas*, onde seria possível confirmar a cronologia elaborada na sua base.

<sup>17</sup> Joaquim P. N. da Silva, *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1876, p. 5.

<sup>18</sup> J. C. N. C., "O Mundo Primitivo", *O Panorama*, 2.ª série, n.º 1, Lisboa, 1842, pp. 246-47.

<sup>19</sup> Júlio A. Henriques, *Antiguidade do Homem*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866.

<sup>20</sup> Afonso do Paço, "Carlos Ribeiro", *Dicionário de História de Portugal*, t. V, dir. Joel Serrão, Porto, Ed. Figueirinhas, 1983, pp. 340-41; Id., "Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado", *Dicionário da História de Portugal*, t. II, pp. 278-79.

<sup>21</sup> Glyn Daniel, *El Concepto de Prehistoria*, Barcelona, Editorial Labor, 1968, p. 52.

Apesar do sucesso que teria alcançado com esse seu primeiro ciclo de preleções, as instituições de ensino superior portuguesas permaneceriam indiferentes à importância da implementação de estudos arqueológicos nas suas instalações. Talvez considerassem-nos, ainda, um exercício de puro diletantismo, e, por conseguinte, sem um verdadeiro estatuto científico que justificasse a sua inclusão nos programas escolares dos seus respectivos estabelecimentos. Por outro lado, não podemos obviar a notória influência da cultura judaico-cristã, que se fazia ainda, sentir no seio da nossa sociedade.

Perante esse quadro, e em face do impacto que a realização da IX.<sup>a</sup> sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica teria, senão na nossa sociedade, de um modo geral, pelo menos no seio da nossa comunidade científico-cultural mais atenta,<sup>22</sup> Possidónio decidiria inaugurar um Curso de Arqueologia, ao nível associativo. Facto que surgiria em consequência da inércia institucional, assim como em face do crescente interesse que parte dos mais diversos quadrantes intelectuais do país manifestaria por essa ciência.

## 2. O 1.º Curso Elementar de Archeologia

Possidónio instituiria, assim, aquele que designaria por *1º Curso Elementar de Archeologia*, nas instalações do Museu do Carmo, na sede da *Real Associação*, ou seja, na igreja do Carmo, em Lisboa, no dia sete de Junho de 1885, sob os auspícios da Casa Real, na pessoa do príncipe herdeiro, D. Carlos.

Facto esse que concederia à Arqueologia o prestígio que necessitaria para a sua ulterior e definitiva institucionalização no nosso seio académico e universitário, à semelhança do que vinha sucedendo com outras casas reais europeias, como no caso da dinamarquesa e sueca. Para além de prestigiar, dessa forma, o Curso em questão, D. Carlos financiaria igualmente os prémios pecuniários, que seriam concedidos aos alunos que mais se destacassem nas provas que deveriam prestar no final de cada uma das suas duas partes.<sup>23</sup> Para além disso, teria sido o próprio D. Carlos quem, pelo menos oficialmente, teria encarregue Possidónio da coordenação

<sup>22</sup> Sobre o papel de Possidónio da Silva na realização desse Congresso, vide Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*, e, sobretudo, o seu terceiro capítulo. Acerca dos trabalhos do próprio Congresso, vide Victor dos S. Gonçalves, "IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica (Lisboa, 1880). Uma Leitura, seguida da Crónica de Bordalo Pinheiro", *Actas do IV Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1980 e Vítor dos S. Gonçalves, "O Congresso Internacional de 1880", *História de Portugal*, dir. João Medina, t. I, Lisboa, EdiClube, 1993.

<sup>23</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. XVI, em 8.ª, doc. 3323, 1885. Inédito; Émile Travers, *L'Enseignement de l'Archéologie en Portugal en 1890*, Caen, Henri Delesques, Imprimeire-Librairie, 1891, p. 4.



nação das aulas, possivelmente como forma de esbater algumas opiniões infundadas, segundo as quais Possidónio pretenderia proceder a mais um exercício de poder, bem como de capital social.<sup>24</sup> Aliás, seria um dos seus discentes quem comentaria, do seguinte modo, a relevância da qual se revestira a inauguração desse Curso:

“Está portanto preenchida esta lacuna, que de há muito o sr. Possidonio da Silva notava nas nossas instituições de ensino. O illustre architecto da casa real, cuja competencia em assumptos archeologicos é unanimemente affirmada, conseguiu realizar o pensamento que tanto o preocupava. Nenhuma idéa de interesse pecuniario nem o orgulho do seu saber o moveram a dar este passo no caminho da instrucção. Na idade avançada de 80 annos, revelando uma actividade exemplar e nutrindo um verdadeiro amor pela sciencia, que elle tão distinctamente cultiva, offereceu-se para reger gratuitamente o curso, e pediu ao nosso principe herdeiro que tomasse sob sua alta protecção este ensino,”<sup>25</sup> referindo mais à frente que ninguém “[...] póde, por conseguinte, por todos os motivos, assistir indifferente à innovação que se acaba de estabelecer no nosso paiz, collocando n’esta parte ao par das nações mais adiantadas, que há muito tempo tomaram na devida consideração a archeologia.”<sup>26</sup>

Os principais propósitos subjacentes ao *Curso Elementar de Archeologia*, poderão ser descortinados nas seguintes palavras, proferidas por aquele seu mesmo discente, e nas quais patenteia-se igualmente a concepção de objecto e objectivo dessa jovem ciência:

“Em resumo, a archeologia, na sua accepção mais lata, é o quadro do trabalho do homem das épocas passadas, trazido á época presente. Pelos differentes vestigios da industria que o homem tem legado desde épocas muito remotas, a archeologia pôde formar a historia do *homem pre-historico*, e continuando nas suas investigações e todos os tempos, a archeologia põe-nos ao facto do progresso e das phases por que vae passando a industria.”<sup>27</sup> sendo que “A sua missão é reconstruir para nos apresentar ao nosso espirito sempre ávido de investigação todo o passado da humanidade desde a sua remotissima origem... [que] abrange todo o vastissimo d’acção moral e material do ser humano. ... [sendo] o estudo do passado é o verdadeiro guia do futuro.”<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> “Chronica da nossa associação”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. IV, n.º 9, 1885, p. 143. Possidónio procuraria dessa forma precaver-se de eventuais acusações de procura de protagonista.

<sup>25</sup> António José de Mello, “Um Curso Elementar d’Archeologia no Museu do Carmo” *Revista Militar*, Lisboa, Typographia da Casa da Moeda, 1885, p. 367.

<sup>26</sup> Id., *idem*, p. 369.

<sup>27</sup> Id., *idem*, p. 368.

<sup>28</sup> *Ibid.*

Adoptando, de forma inequívoca, o princípio evolutivo da Humanidade, patenteado no processo sequencial tipológico e tecnológico, Possidónio pretendia, na essencialidade, que, com base nesses mesmos estudos arqueológicos, os seus alunos pudessem,

“certificar-se dos fundamentos que se obtiveram para este tão valioso resultado, que a sciencia alcançou pelos constantes esforços de distintos sabios da Suissa, Dinamarca, Suecia, França, Gran Bretanha, Belgica e Italia. Daremos, portanto, conhecimento como foram elles alcançados relatando as investigações feitas n’esse intuito”.<sup>29</sup>

O mentor do Curso definiria, igualmente, os pré-requisitos para o seu ingresso. Os candidatos deveriam ter todos entre dezasseis e vinte e quatro anos, possuir certificado da instrução primária, bem como de língua francesa e desenho. Na falta desses documentos comprovativos, deveriam realizar provas públicas nessas duas áreas.<sup>30</sup> Requisitos que determinariam, indiscutivelmente, o perfil social dos candidatos.

Essas exigências revelavam-se, contudo, compreensíveis, se pensarmos que um sólido conhecimento do idioma francês se tornava indispensável para um livre exercício de leitura da maioria da bibliografia específica sobre Arqueologia e Antropologia, que existiria na biblioteca associativa, embora Possidónio ofertasse, pessoalmente, a cada um dos seus discentes, um exemplar das *Noções Elementares de Archeologia*, que publicara em 1876. O profundo conhecimento da língua francesa seria igualmente imprescindível para a compreensão das comunicações orais, que seriam proferidas nos mais diversos congressos científicos internacionais, sobre aquelas mesmas temáticas.

A propósito de bibliografia especializada, e retornando ao que foi anteriormente mencionado, relativamente à escassez de obras sobre Arqueologia, Arqueologia Pré-histórica e Antropologia, nas nossas principais bibliotecas públicas, Possidónio tentaria contornar esse evidente obstáculo ao desenvolvimento dos estudos desses ramos científicos no nosso país, de diversas maneiras. Algumas delas teriam a ver com a oferta, directa e pessoal, de alguns exemplares do *Boletim de Architectura e Archeologia*, bem como das suas duas obras fundamentais, *Noções Elementares de Archeologia* e *Resumo de Archeolôgia Christã*, a algumas dessas mesmas instituições, sobretudo de carácter municipal e escolar. Iniciativa que seria largamente elogiada, sobretudo além-fronteiras.

Mas, seria no âmbito estritamente privado da *Real Associação*, e em consequência de sucessivas menções, efectuadas por grande parte dos seus alunos do

---

<sup>29</sup> “Chronica da nossa associação”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. IV, n.º 9, 1885, pp. 159-60. Constatava-se dessa forma, a permanente actualização científica, à qual se impunha Possidónio.

<sup>30</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. VII, em 4.ª, doc. 2198, 1886.

*Curso de Archeologia*, acerca da notória carência, na Biblioteca Pública de Lisboa, de bibliografia especializada sobre os temas debatidos durante as suas aulas, que Possidónio decidiria depositar, a título temporário, a sua biblioteca pessoal, na da *Real Associação*, pelo menos enquanto decorressem as prelecções. Biblioteca essa que Possidónio decidiria doar, em finais dos anos oitenta, a D. Luís, para sua futura inserção na Biblioteca do Palácio Real de Mafra, numa altura em que o futuro associativo se encontraria algo indefinido. Transferência essa da qual se ressentiriam notoriamente, tanto associados, como demais utentes da biblioteca da *Real Associação*, de um modo geral, precisamente em consequência da dificuldade que sentiriam em encontrar grande parte da bibliografia especializada, e da qual necessitariam para as suas periódicas indagações académicas e profissionais.

No respeitante à imprescindibilidade de conhecimentos na área do desenho, ela tornava-se, por seu turno, absolutamente óbvia, se pensarmos que as suas noções seriam necessárias para uma correcta execução de registos gráficos das mais diversas evidências arqueológicas, descobertas e estudadas, bem como para um discernimento de outras tantas, apresentadas em diferentes géneros de publicações da especialidade. Para além disso, não podemos esquecer que, como Arquitecto Cial, Possidónio conhecia profundamente os benefícios desses mesmos conhecimentos.

À primeira parte do *Curso* – referente à Arqueologia Pré-histórica – seriam admitidos trinta e cinco alunos. Número esse suficientemente considerável, sobretudo numa altura em que aquele ramo dos estudos pré-históricos daria os seus primeiros passos no nosso país.

Os candidatos provinham de localidades e regiões tão distantes como a Ilha da Madeira, Terceira, Lagos, Minde, sendo, no entanto, a maioria de Lisboa, e, sobretudo, de instituições de ensino, como a Academia de Belas-artes, e do Exército. Para além desses, matricular-se-ia, igualmente, um cidadão brasileiro.

No caso daquele último estabelecimento, seria compreensível o interesse demonstrado por alguns dos seus discentes pela Arqueologia, porquanto o Ministério das Obras Públicas – no âmbito do qual tinha sido criada a Comissão dos Monumentos Nacionais –, possuía nos seus quadros diversos engenheiros militares. Mas, não seria, essa, a única explicação para um interesse despontado no seio dos alunos daquela instituição militar. Como referiria um deles,

“Ao militar, além da vantagem que representam os conhecimentos archeologicos como uma instrução geral, interessa sobretudo uma parte d’esses conhecimentos, que se refere á origem e ás diferentes transformações que teem soffrido as armas, os instrumentos de guerra, as obras de defeza, etc.”<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> António José de Mello, “Um Curso Elementar d’ Archeologia...”, p. 368.

Factos esses que, no seu conjunto, demonstravam e corroboravam, para além do próprio prestígio que Possidónio ia granjeando no panorama científico nacional, os esforços que teria congregado no sentido de sensibilizar a intelectualidade regional para a importância dos estudos arqueológicos no desenvolvimento da História local, ao ver, entre os seus discentes, representantes de diversas regiões nacionais. Reconhecia-se, assim, que,

“O estudo da archeologia tam indispensavel ao estudo da historia da arte, da historia dos povos, tem sido e seria esquecido por muito tempo, se V.E. não houvesse sempre procurado por todas as formas e modos chamar sobre os objectos e cousas antigas a attenção do publico”.<sup>32</sup>

Lendo, atentamente, as notícias referentes aos conteúdos programáticos da primeira parte do *Curso*, essencialmente dedicada à Arqueologia Pré-histórica, constatamos que ela decorreria entre Junho, de 1885, e Janeiro de 1886, abrangendo uma vasta amplitude cronológica e temática, bem como geográfica e artefactual.<sup>33</sup> Essa primeira parte compreenderia, no geral, “as quatro epocas designadas por = idade da pedra lascada = idade da pedra polida = idade de bronze e idade de ferro.”<sup>34</sup>

Abarcaria, por exemplo, desde noções básicas de Geologia, que permitissem um conhecimento das,

“camadas sedimentares que são as que offerecem mais interesse para o archeologo e paleontologista porque é ahi onde se encontram os fosseis e os differentes vestigios da industria humana”,<sup>35</sup> até às temáticas concernentes ao início da Idade do Ferro.<sup>36</sup>

Aludindo, dessa forma, à estreita relação estabelecida entre os estudos geológicos e paleontológicos, e o surgimento da própria Arqueologia, sobretudo da Pré-histórica, enquanto ciência de pleno direito, com todas as implicações que estariam inerentes a essa atribuição, Possidónio não deixaria de sublinhar a relevância da qual se revestiria o estabelecimento de correspondências directas entre fósseis e artefactos, encontrados na mesma camada estratigráfica. No seu entender, seriam, ainda, aqueles elementos os factores determinantes da atribuição de uma cronologia relativa aos artefactos detectados em cada um dos estratos, assim como a própria evolução desses mesmos materiais, no âmbito de um quadro tecnológico e tipológico.

<sup>32</sup> I.A.N./T.T., *idem*, t. XVI, em 8ª, doc. 3345, 1885.

<sup>33</sup> A. J. de Mello, “Curso elementar...”, p. 116.

<sup>34</sup> I.A.N./T.T., *idem*, t. VII, em 4ª, doc. 3114, 1885.

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> Andrea Carandini, *Storie dello Scavo Archeologico*, Bari, De Donato, 1981, pp. 31-31.

Não podemos, igualmente, olvidar que seria ao longo de oitocentos que os arqueólogos fariam corresponder, a cada estrato de origem antrópica, os artefactos neles encontrados, à semelhança do que sucedera em Geologia, com a correspondência delineada entre estratos de origem natural e os fósseis com eles relacionados, enquanto forma de estabelecer a sua ordem evolutiva e sequencial.

Mas, os estudos geológicos possuiriam alguma tradição no nosso país, porquanto, já em 1779, a Faculdade de Filosofia de Coimbra teria reconhecido a necessidade de organizar visitas de estudo ao campo, para demonstrar, *in loco*, a evolução das camadas geológicas, bem como as características de identificação de cada um dos diferentes estratos. Em 1836, criar-se-ia a cadeira de Minerologia, Geologia e Arte de Minas, fundando-se, no ano seguinte, uma outra de Minerologia e Geologia, na Escola Politécnica de Lisboa, enquanto na Academia Politécnica do Porto, sê-lo-ia apenas em 1883. Ainda em Lisboa, seria igualmente instituída uma cadeira, com características similares, dessa feita no âmbito do Instituto Industrial de Lisboa, no ano de 1852.<sup>37</sup>

Revelava-se, dessa maneira, a capacidade e flexibilidade pedagógica de Possidónio, nomeadamente ao colocar em discussão diversas teses concernentes a determinadas questões. Seria, entre outros, o caso da possível existência do Homem Terciário, bem como de uma Idade do Cobre. No entanto, Possidónio optaria, sempre, por evidenciar, durante a apresentação dessas mesmas teorias, a fiabilidade incontestável dos materiais arqueológicos face a cogitações probabilísticas, numa atitude assumidamente positivista.

Seria nesse mesmo espírito que, percorrendo acerca da possibilidade existencial do “Homem Terciário” – ou, daquele que o arqueólogo francês G. de Motillet (1821-1898) designaria por *Australopithecus Ribeiroi*, largamente debatida durante o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, em 1880, na cidade de Lisboa –, com base nas descobertas dos “eólitos” da Ota, Possidónio sublinharia que, apesar das descobertas arqueológicas apontarem para a sua realidade, não estaria, ainda, suficientemente comprovada por outras evidências. Considerações que não se revelariam totalmente desprovidas de sentido, porquanto esses mesmos eólitos seriam, ulteriormente, considerados produtos naturais.

Possidónio teria, no entanto, a preocupação de referir o importante contributo daquele investigador nacional, isto é, de Carlos Ribeiro, no que revelaria um espírito imparcial, pragmático e positivista.

Reencontraríamos uma atitude semelhante, aquando da discussão estabelecida com os seus discentes sobre o método classificatório – cronológico –, dos artefac-

---

<sup>37</sup> Paul Choffat, “Esquisse de la Marche de l’Étude Géologique du Portugal”, *Revista de Portugal*, vol. IV, Porto, Livraria Portuense, 1892, pp. 637-38.

tos pré-históricos, elaborado pelo anteriormente referido, G. de Mortillet. Possidónio explanaria, então, a opinião difundida e defendida por outros investigadores europeus relativamente à eventualidade da existência de uma *Idade do Cobre*, afirmando que “por ora ainda nem as fontes nem as descobertas não vieram em reforço d’esta opinião”.<sup>38</sup> Possidónio expressaria, aliás, amiudadamente, essa sua concepção positivista, num espírito declaradamente dedutivo, mas sempre fiel à fiabilidade dos factos que, em última análise, deveriam poder “falar por si próprios”, e quedarem-se pelo surgimento de alguém que pretendesse, e pudesse, verdadeiramente, descodificá-los. É o que constatamos na sua seguinte afirmação:

“O archeologo tem que tomar a penna do historiador e procurar deduzir algumas *probabilidades historicas*, com observação escrupulosa dos factos averiguados.”<sup>39</sup>

Possidónio considerava a Arqueologia como um válido instrumento de averiguação dessas mesmas teses – “como poderoso elemento de critica” –,<sup>40</sup> em virtude dos métodos aplicados nas suas investigações. Na sua óptica, a investigação pré-histórica constituiria, “A principal das vias por onde os methodos e noções das sciencias da natureza passam para as sciencias historicas e sociaes”.<sup>41</sup>

Tornar-se-ia, assim, imprescindível desenvolver a Arqueologia Pré-histórica em Portugal, como forma de recuperar um passado, que se pretendia comum, e que permaneceria, de outra forma, desconhecido e inatingível.

Poder-se-á, desse modo, inferir a permanente actualização e capacidade de apreensão e interiorização, manifestadas por Possidónio ao longo da sua existência, relativamente a algumas novas teorias e postulados, nomeadamente no respeitante a esquemas operatórios.

Seria nesse contexto que se referiria, pela primeira vez, à cronologia da Idade da Pedra, estabelecida pelo arqueólogo e professor espanhol de Geologia e Paleontologia, em Madrid, Vernueil y Castro (1821-1893): Arqueolítica, Paleolítica, Mesolítica e Neolítica, no seguimento de uma série de estudos realizados por outros nomes marcantes da Arqueologia espanhola, como as de José Amador de los Ríos, Góngora e Tubino<sup>42</sup> Nessa cronologia, procedia-se a uma clara distinção entre o Paleolítico Inferior e as demais épocas, o que teria naturais consequências pragmáticas.

<sup>38</sup> Joaquim P. N. da Silva, *Noções Elementares de Archeologia*, p. 1.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> *Ibid.*

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> Ève Gran-Aymerich, *Naissance de l’Archéologie Moderne. 1798-1945*, Paris, C.N.R.S., 1998., p. 260.

Possidónio não se furtaria, igualmente, a discutir uma outra temática – ademais, bastante polémica na altura –, como a respeitante às manifestações artísticas dos antepassados pré-históricos humanos, nomeadamente ao estudar, pessoalmente, as pinturas rupestres do Cachão da Rapa, no Concelho de Carrazeda de Anciães, após a sua redescoberta, quando procedia a uma prospecção arqueológica na região.

Questão essa que se revelaria tanto mais delicada, porquanto o único representante espanhol no Congresso de 1880, em Lisboa, Juan Vilanova y Piera, professor na Universidade de Madrid, insistira no sentido dos demais participantes admitirem a veracidade e relevância da descoberta das pinturas rupestres de Altamira, efectuada dois anos antes.<sup>43</sup> A sua autenticidade seria, no entanto, renegada por investigadores de renome internacional, como G. de Mortillet e É. de Cartailhac. A sua oposição seria tão veementemente evidenciada, que nas actas do Congresso não seria incluída a comunicação daquele estudioso espanhol.<sup>44</sup>

O cepticismo, inicialmente evidenciado por parte de uma larga faixa da investigação arqueológica europeia, relativamente à validade de uma arte rupestre, relacionar-se-ia, essencialmente, com um paradigma, até então considerado inquestionável: o do desenvolvimento similar e concomitante das comunidades humanas, sobretudo em zonas geograficamente muito próximas. Com efeito, levaria algum tempo até à aceitação definitiva dessa evidência arqueológica, a qual implicaria o reconhecimento, *à fortiori*, de um progresso humano anacrónico, no âmbito do próprio Continente Europeu.<sup>45</sup>

Pensamos, no entanto, que Possidónio não partilharia integralmente daquela opinião, porquanto afirmaria que “A história artística de um país não será completa, se não começar na primeira infância da arte”.<sup>46</sup> Ponderaria, assim, sobre as manifestações artísticas do solutrense e magdalenense, tornadas evidentes, nomeadamente com o surgimento de esculturas, altos relevos e gravuras côncavas.<sup>47</sup> Na realidade, admitiria, já em 1890, a existência de desenho pré-histórico.

Ainda não concederia, no entanto, uma verdadeira capacidade de pensamento abstracto ao homem pré-histórico. Para Possidónio, as pinturas e desenhos teriam sido, então, efectuados “somente pelo exame ocular das fórmulas dos animaes

---

<sup>43</sup> Já em 1878, Tubino teria apresentado, no âmbito da Exposição Universal de Paris, a reprodução das pinturas pertencentes à primeira das grutas pertencentes ao conjunto de Altamira, que o arqueólogo francês J. Déchelette (1862-1914) designaria enquanto “A Capela Sistina da Arte Quaternária”.

<sup>44</sup> Colin-Simard, *Op. cit.*, p. 70.

<sup>45</sup> Glyn Daniel, *El Concepto de Prehistoria, de Prehistoria*, Barcelona, Editorial Labor, 1968, p. 17.

<sup>46</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Gravadores e esculptores prehistoricos”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. VI, n.º 6, 1890, p. 93.

<sup>47</sup> *Ibid.*

que caçavam”.<sup>48</sup> Ponderava, simultaneamente, poder-se inferir o grau e tipo de desenvolvimento intelectual humano, mediante a análise da evolução dessas mesmas expressividades artísticas, um pouco na linha winckelmianna. Convicção que se poderá inferir, a partir da leitura das suas seguintes palavras:

“Quando agora se quebra algum d’esses ossos, a fractura é baça e se desbagua; se se lhe traça sobre elle qualquer linha com um ponteiro agudo esquilla-se immediatamente estalando lateralmente, e fica o desenho cheio de rebarbas, com a apparencia embaciada; sendo pois por todos esses indicios mui facil de distinguir o trabalho que foi executado sobre um osso recentemente tirado do animal... Alguns auctores de grande nome, tendo analysado os craneos pertencentes á raça que teria habitado as cavernas n’aquella epocha, concordam que seria de mais limitada intelligencia.”<sup>49</sup>

Uma das outras provas da sua clarividência no respeitante a essa, bem como a todas as inovações, entretanto operadas no âmbito da ciência arqueológica, traduzir-se-ia na postura que assumiria face à Arte Pré-histórica, no seu todo, porquanto considerá-la-ia uma das manifestações mais evidentes da evolução da própria capacidade intelectual humana, embora ainda não considerasse a pintura rupestre. Nessa posição, contrastaria com as conceptualizações veiculadas por G. de Mortillet, que negaria, insistentemente, a existência de uma capacidade estética no Homem primitivo.

A investigação arqueológica encontrava-se, nesse campo, relativamente distante de conceptualizações, como as elaboradas pelo pré-historiador francês, Henri Breuil (1877-1958), segundo as quais aquelas representações evidenciariam, pictoricamente, um qualquer sentido mágico-religioso dos seus fazedores. Preponderaria, ainda, pelo contrário, a noção da Arte Pré-histórica, enquanto uma “arte pela arte”.<sup>50</sup>

Tornava-se, assim, e nesse mesmo contexto, lógica a investigação que Possidónio encetaria no abrigo pintado do Cachão da Rapa, em Ribalonga, no Concelho de Carrazeda de Ansiães (posteriormente redescobertas, já em pleno século XX, pelo estudioso Santos Júnior), no qual se revelava uma evidente predominância monocromática do preto e vermelho, combinada em figuras, essencialmente geométricas, sem um aparente propósito compósito.<sup>51</sup> Abrigo esse que

<sup>48</sup> Id., *Idem, Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. VI, n.º 6, 1890, p. 95.

<sup>49</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Archeologia Prehistorica. As cavernas”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. III, n.º 7, 1881, pp. 106-107.

<sup>50</sup> Luís Raposo, “Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil”, *O Arqueólogo Português*, vols. 11/12, Lisboa, M.N.A., 1999, p. 235.

<sup>51</sup> M. F. dos Santos, *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Verbo, 1985, Susana de O. Jorge, pp. 112-113; “A Consolidação do Sistema Agro-Pastorial”, *História de Portugal. Das Origens à Romanização*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Ed. Presença, 1990, p. 157.



Possidónio teria estudado, aquando de um dos seus múltiplos périplos nortenhos, investigando a presença de construções megalíticas na zona. Em 1878, Possidónio notificaria os seus consócios da descoberta de uma caverna “com varios ornatos na falda da serra de alvaiazer”.<sup>52</sup> Procederia, então, à cópia fiel dessas mesmas figuras, que enviaria, em 1885, à “*Association Française pour de Développement des Sciences*”, na sua sessão de Grenoble, de modo a que elaborassem um parecer sobre as mesmas.<sup>53</sup> Possidónio defenderia, no entanto, a ideia, segundo a qual aquelas mesmas figuras constituiriam uma representação esquemática de uma batalha, eventualmente travada entre hostes romanas e lusitanas.<sup>54</sup> Negaria, assim, uma cronologia pré-histórica às mesmas.

Possidónio não seria, contudo, o único consócio a demonstrar um profundo interesse por essas questões teóricas. Em 1897, José Leite de Vasconcelos apresentaria, numa das sessões da Assembleia Geral da *Real Associação*, uma comunicação sobre pinturas encontradas em esteios de dólmenes, para além de trabalhos de gravura, em pedra, e escultura neolítica. As considerações que elaboraria sobre esse conjunto representativo, seriam, então, apresentados publicamente pela primeira vez.<sup>55</sup>

Retomando a questão da divisão cronológica da Idade da Pedra, acreditamos que a consideração que Possidónio manifestaria pela validade dessa mesma proposta, demonstraria, por si só, o estágio de desenvolvimento entretanto alcançado pela própria investigação arqueológica, de um modo geral, e da pré-histórica, em particular, o qual encontraria, na sua pessoa, um receptor especialmente sensível. Capacidade essa que evidenciaria, por exemplo, ao referir-se, pela primeira vez, à existência de uma *Proto-história*, enquanto um dos principais estádios de todo o processo evolutivo da Humanidade.

Do mesmo modo, concederia uma particular atenção aos métodos de prospecção e escavação arqueológicas, sublinhando a necessidade de estabelecer *relações de posição* entre estruturas e subjacentes artefactos moveis. Somente com o emprego de um criterioso registo de campo, seria possível proceder a uma ulterior reconstituição dos quadros vivenciais de antanho, ao mesmo tempo que se poderia determinar a sua utilização sincrónica e/ou diacrónica.

Postura essa que evidenciava o surgimento e afirmação de um corte epistemológico em Possidónio, relativamente aos procedimentos que teria utilizado em

<sup>52</sup> A.H./A.A.P., *Actas do Conselho Facultativo*, n.º 73, 1/3/1878.

<sup>53</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Inscriptions très Anciennes et Rare Gravés et Peinte sur un Rocher en Portugal”, *Association Française pour l’Avancement des Sciences*, Congrès de Grenoble, 1885.

<sup>54</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Explicação da Estampa n.º 79”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. V, n.º 7, 1887, pp. 78-80.

<sup>55</sup> A.H./A.A.P., *Actas da Assembleia Geral*, n.º 291, 3/3/1897.

anteriores investigações arqueológicas, e, muito concretamente, nas realizadas nas ruínas romanas de *Caetobriga*.<sup>56</sup> Doravante, privilegiaria, definitivamente, a recolha do maior número possível de informações, que se pudesse extrair do registo arqueológico, precisamente atendendo àqueles propósitos reconstituitivos.

Nessa mesma linha metodológica, Possidónio sublinharia a importância de um profundo conhecimento da evolução formal de determinados artefactos, que pudessem funcionar enquanto verdadeiros *fósseis directores*, e, conseqüentemente, classificassem cronologicamente (embora relativamente), os sítios arqueológicos escavados.

Seria, esse, entre outros, o caso específico das fíbulas, não somente como um dos principais *fósseis directores* da 1.ª Idade do Ferro, mas, essencialmente, enquanto um bom indicador da pretensa difusão das culturas dessa mesma Idade, um pouco por toda a Europa. Convicção que não invalidaria, na sua óptica, a sobrevivência de artefactos – tradicionalmente imputáveis a determinadas Idades –, em estratos posteriores.

Na resposta à questão, “Como se conheceu a 1.ª Idade do Ferro?”, colocada no exame final do Curso, um dos seus alunos responderia que ficara “... definida com o abundante aparecimento das fíbulas. [e que] O depósito em que se manifestou com maior perfeição esta indústria foi o grande depósito de Halstat na alta Austria.”<sup>57</sup> Aliás, Possidónio corresponder-se-ia com Ernest Chantre, um dos arqueólogos que projectara delinear uma sequência tipológica desses artefactos, como forma de estabelecer a sua difusão geográfica por todo o Continente Europeu. Seria com essa mesma finalidade, que solicitaria a Possidónio que procedesse a um levantamento das fíbulas encontradas em Portugal, que pretendia incluir naquele seu estudo comparativo geral.

Ainda no âmbito de abertura a novas propostas de investigação, Possidónio ponderaria seriamente acerca da importância que a experimentação poderia assumir em Arqueologia, nomeadamente no que aos processos tecnológicos respeitasse.<sup>58</sup>

As descobertas e viagens marítimas, sobretudo as ocorridas em seiscentos e setecentos, tinham proporcionado ao Homem europeu uma nova visão e concepção da antiguidade humana. Elas permitiram a aquisição de uma percepção mais aturada, daquele que teria constituído o *modus vivendi e faciendi* das populações, sobre as quais se tinha, há muito, perdido a memória. Reconstituição essa que seria possível mediante a aplicação do método comparativo, com base na profun-

---

<sup>56</sup> Sobre a intervenção de Possidónio nesse sítio arqueológico, vide Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*, e, nomeadamente, o seu terceiro capítulo.

<sup>57</sup> A. J. de Mello, “Curso elementar...”, p. 116.

<sup>58</sup> John Coles, *Arqueologia Experimental*, Lisboa, Bertrand, 1977, Lewis R. Binford, pp. 11-13; *Em Busca do Passado*, Lisboa, Pub. Europa-América, 1991, pp. 32-34.

da crença iluminista e oitocentista sobre o desenvolvimento similar das comunidades humanas. Mas o estudo encetado ao longo da centúria de XIX, sobre esses grupos de caçadores-recolectores, não possuiria, ainda, como finalidade última, o conhecimento, em si, dessas mesmas comunidades, e dos seus respectivos quadros vivenciais.

A importância dessas investigações revelar-se-ia, antes de mais, no papel, hipoteticamente ilustrativo, que as mesmas poderiam assumir naquela que teria constituído a pré-historicidade europeia, nomeadamente por acreditar-se não terem as suas terras, e realidades quotidianas, sido tocadas pelo fenómeno diluviano.<sup>59</sup> Essa seria, aliás, a posição, inequivocamente assumida, por parte de alguns autores nacionais da época, como o próprio J. Leite de Vasconcelos, para quem, de maneira a se poder compreender melhor as condições nas quais teriam vivido as comunidades neolíticas no nosso território, seria perfeitamente admissível e lícito, estabelecer comparações com os denominados “primitivos actuais”, os quais considerava, e muito sintomaticamente, “selvagens”. Designação que poderia ser perfeitamente compreensível, atendendo a toda uma mundividência oitocentista. Não conceberia, porém, nessa altura, que tal procedimento metodológico pudesse conduzir à formulação de análises históricas e etnográficas, do ponto de vista cronológico, verdadeiramente anacrónicas.<sup>60</sup>

Por outro lado, certamente que Possidónio se encontraria a par de algumas das experiências que se efectuariam na época, no âmbito daquela que designaríamos, actualmente, de *Arqueologia Experimental*. Entre elas, a construção de uma habitação em madeira, efectuada exclusivamente com instrumentos líticos, realizada durante o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, ocorrida em Copenhague, no ano de 1874, bem como as experiências efectuadas pelo inglês Augustus Pitt-Rivers (1827-1900), que seriam alvo de discussão nalguns daqueles simpósios científicos. Já em 1877, um dos mais assíduos colaboradores do *Boletim de Architectura e Archeologia*, Sá Vilella, escreveria: “O sr. Schmidt alegrou as muitas senhoras que formavam parte do mesmo auditorio [do Congresso dos Americanistas] mostrando, como era possível com instrumentos de pedra, trabalhar a madeira, fazer flexas e anzoes, para caçar e pescar, e cozer o panno com agulhas de pedra”.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Robin Dennell, “National and Identity in Britain and Europe”, *Nationalism and Archaeology*, ed. John A. Atkinson, Ian Banks, Jerry O’Sullivan, Glasgow, Cruithne Press, 1996, p. 27.

<sup>60</sup> José L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, p. 225, citado por Sérgio C. Matos, “Leite de Vasconcelos no Debate Acerca da Formação de Portugal: um Confronto com Oliveira Martins”, *O Arqueólogo Português*, série. IV, vol. 11/12, Lisboa, M.N.A., 1999, p. 28.

<sup>61</sup> Sá Vilella, “Congresso Internacional dos Americanistas”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. II, n.º 4, 1877, p. 38.

Somente, assim, se poderão compreender afirmações proferidas por Possidónio da Silva, como a seguinte:

“A sua primitiva industria limitou-se a fabrica de grossos instrumentos de pedra que se obtinham fazendo saltar lascas pela percussão”.<sup>62</sup>

Ainda nesse espírito, faria com que os seus alunos procedessem ao fabrico de instrumentos pré-históricos, para cujo sucesso Possidónio reputaria imprescindível a aquisição de um profundo conhecimento das características dos diversos materiais aplicados na composição de variados artefactos. Consideraria, igualmente, pertinente analisar os *negativos* da acção de alguns desses mesmos instrumentos, como forma de se poder identificar e inferir, inquestionavelmente, a presença e características desses mesmos artefactos.<sup>63</sup>

Acreditaria, ainda, que essas mesmas noções possibilitariam uma mais fácil identificação daqueles objectos no terreno, bem como a sua interpretação utilitária:

“Na hacha o gume é para lello ao cabo do instrumento enquanto que na enxó, p.<sup>a</sup> o seu fim especial, o gume tem uma direcção crusada com a do cabo”, para além de alguns deles poderem ser utilizados enquanto fósseis-directores, como no caso dos alfinetes de cabeça e fíbulas”.<sup>64</sup>

Por forma a que os seus discípulos apreendessem melhor essas mesmas características, Possidónio apresentaria nas suas aulas, com certa regularidade, alguns exemplares desses artefactos, para além da reprodução de outros, em forma de desenhos coloridos, efectuados à escala real, e concebidos por si próprio.

Ademais, a utilização desses materiais visuais teria estado sempre presente nas suas anteriores prelecções, versassem elas sobre Arqueologia, ou até mesmo sobre História da Architectura e da Arte, de um modo genérico. Quanto ao *Curso Elementar de Archeologia*, muito concretamente, encontrámos uma longa listagem daqueles que designaria por *Paineis com vistas de architectura e de archeologia*, ou, mais especificamente,

“Trinta e oito grandes quadros com vistas transparentes coloridas representando edificios historicos, prehistoricos, exemplares megalithicos, e instrumentos de pedra, d’osso e bronze, que serviram no curso de archeologia pelo sr. Possidonio da Silva.”<sup>65</sup>

<sup>62</sup> A.H./A.A.P., *Actas da Assembleia Geral*, n.º 121, 27/11/1885.

<sup>63</sup> Joaquim P. N. da Silva, “Grutas Prehistoricas”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. II, n.º 4, 1877, p. 167.

<sup>64</sup> Id., “Gravadores e esculptores prehistoricos”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. VI, n.º 6, 1890, p. 93. Ver também, *L’Invention de la Préhistoire*, p. 38.

<sup>65</sup> *Catalogo do Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Lisboa, Typographia Universal, 1891.

Assim, seriam reproduzidas – tridimensionalmente –, estratigrafias (com os respectivos objectos), palafitas, estruturas megalíticas, para além de artefactos, culturalmente atribuíveis aos celtas.

Para além disso, o decorrer das aulas nas instalações da própria sede associativa, teria, à partida, uma vantagem para o seu bom andamento, assim como para a concretização de alguns dos propósitos pedagógicos, que Possidónio se proporia alcançar. Falamos, obviamente, do facto de as mesmas ocorrerem no seio do *Museu Archeologico do Carmo*.

Efectivamente, Possidónio preconizaria, nesse – como noutros aspectos –, a concepção museológica contemporânea, na qual pontificaria, não apenas o reflexo de uma nova sociabilidade e mundividência, e de um novo quadro epistemológico, como, sobretudo, a valorização pedagógica do seu espaço interior, das suas próprias colecções. Concederia, dessa forma, um valor acrescido aos materiais expostos, ao atribuir-lhes uma função iminentemente educativa.

Seria com esse pensamento, que Possidónio promoveria, paralelamente às prelecções, a realização dos denominados “serões de leitura”, quando a biblioteca associativa passaria a encontrar-se aberta ao público, em geral.

Depreendemos, assim, que o próprio Museu Arqueológico se revelaria um digno repositório dos mais variados artefactos, que pudessem, de alguma forma, ilustrar os conteúdos programáticos, expostos e dissecados ao longo das suas aulas. Ademais, a visualização tridimensional e táctil dos próprios objectos, possibilitaria uma sua mais real e célere apreensão, para além da sua posterior determinação no terreno.

Procedendo a uma atenta leitura do catálogo do Museu, publicado em 1891,<sup>66</sup> constatamos que os artefactos expostos possibilitariam aos alunos obter uma visão consideravelmente abrangente, da maioria das realidades históricas, debatidas ao longo das diversas sessões do Curso.

Com efeito, e em virtude dos consideráveis esforços, envidados pessoalmente por Possidónio, no sentido da *Real Associação* obter o maior e mais diversificado número possível de artefactos, representativos de díspares realidades histórico-culturais, o Museu do Carmo albergaria, já em finais dos anos oitenta do século XIX, desde materiais geológicos, passando pelos paleontológicos, antropológicos, etnográficos, até aos arqueológicos, de um modo geral. Estes últimos, incluiriam diversificados objectos, que abrangeriam, cronológica, cultural e geograficamente, realidades materiais desde a Pré-história, passando por culturas pré-clássicas, clássicas, até às medievais e modernas.

De entre os objectos pré-históricos, verificamos que os discentes – bem como todos os visitantes daquele espaço museológico –, teriam a possibilidade de

---

<sup>66</sup> *Ibid.*

visualizar uma considerável plêiade de artefactos encontrados em Portugal (alguns dos quais, descobertos pelo próprio Possidónio, durante algumas das escavações que realizaria em território nacional), Espanha, França, Itália, Dinamarca, Suécia e América do Norte. Artefactos que, no seu conjunto, representariam todo um processo evolutivo, baseado numa análise tipológico-tecnológica, desde a, então, denominada *Idade da Pedra Lascada*, até à Idade do Ferro.

Parece-nos merecer, igualmente, um notório destaque o facto da quase totalidade desses objectos ter sido ofertada pessoalmente a Possidónio, pelos nomes mais marcantes da Arqueologia mundial de oitocentos. Evidência essa que denunciava, claramente, o prestígio e o apreço que o nosso investigador teria, entretanto, alcançado no seio da comunidade científica estrangeira.

Quanto à segunda parte do Curso, ela seria integralmente dedicada aos tempos históricos, e,

“... constar[ia] da architectura desde a época romana até ao seculo XVII, comprehendendo os diversos estylos da architectura antiga, da era ogival e da renascença pertencente a edificações civis, religiosas e militares.”<sup>67</sup>

Ao pretender discorrer sobre essas temáticas, desde a Antiguidade Pré-clássica até à Época Moderna, Possidónio separaria, dessa forma, definitivamente, o que consideraria constituir matéria específica das Belas Artes e da Arqueologia, genericamente (ou, segundo outros estudiosos da época, *Arqueologia Artística e Monumental*), da da Arqueologia Pré-histórica, mais especificamente.

Essa segunda parte ocorreria entre Janeiro e Maio de 1886, matriculando-se, dessa feita, setenta e dois alunos, de entre os quais destacaremos o, então, secretário do Patriarca de Lisboa, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, um dos principais defensores da salvaguarda do património histórico-arqueológico, de um modo geral, e do religioso, muito particularmente, bem como da instituição de cadeiras de Arqueologia nos seminários portugueses.

O notório aumento do número de candidatos admitidos ao Curso, demonstraria, em última análise, o sucesso obtido durante a primeira parte, assim como a projecção nacional que a mesma teria alcançado.<sup>68</sup>

Será, talvez, interessante referir-mos que, o facto do Curso ter passado a ser designado, em finais de oitenta, de *Curso Elementar de Archeologia*, para *Curso Superior de Archeologia*, revelaria a estimável e ampla aceitação que a sua estrutura interna – tanto ao nível dos conteúdos, como na forma da sua explanação

<sup>67</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. VII, em 4.ª, doc. 3114, 1885.

<sup>68</sup> *Id.*, *idem*, t. XVII, em 8.ª, doc. 3602-bis, 1886. Ver também “Chronica da nossa associação”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. V, n.º 6, 1887, p. 111; Émile Travers, *L'Enseignement de l'Archéologie...*, pp. 3-7.

–, teria, entretanto, alcançado no seio do tecido intelectual português, atendendo, sobretudo, ao rigor científico que, desde sempre, caracterizara as múltiplas actividades encetadas por Possidónio da Silva.

O exame referente à primeira parte do curso realizar-se-ia a quatro de Janeiro de 1886, no qual se apresentariam apenas onze da totalidade dos alunos, aos quais seriam distribuídos cadernos com as respectivas trinta e duas perguntas, formuladas pessoalmente por Possidónio. O exame decorreria na presença de um júri, composto pelo próprio Possidónio, Carlos Munró, José de Saldanha, Júlio de Castilho e o Visconde de Alenquer, entre as onze e as dezasseis horas. A sua avaliação seria efectuada por um júri, composto pelos acima referidos, à excepção dos dois primeiros, para além de Vilhena Barbosa, Visconde de S. Januário, Teixeira de Aragão e António Pimentel Maldonado. A avaliação não seria, contudo, efectuada sem algumas dificuldades, porquanto os membros do júri a realizariam com “a maior paciência e na presença de bons livros”,<sup>69</sup> após o que se “aquilata[ria] o merecimento absoluto e relativo de todos os estudantes.”<sup>70</sup>

Apesar dos diversos apuros que estariam subjacentes a esse processo de avaliação, pensamos que a sua entrega, a esse grupo específico de associados teria tido um propósito muito concreto. Na verdade, acreditamos que, essa, constituiria uma das formas que Possidónio encontraria de molde a entrosar alguns dos mais empenhados dos seus consócios, em todas as questões inerentes, não apenas ao futuro da vida associativa, em si, como, sobretudo, ao desenvolvimento, no nosso país, dos estudos arqueológicos, nomeadamente dos pré-históricos.

A sua já avançada idade – 80 anos –, a constatação da existência de um reduzido número de individualidades nacionais, verdadeiramente interessado na disseminação desse tipo de investigação, entre nós, bem como a consciencialização do papel determinante que a *Real Associação* poderia desempenhar na concretização desse mesmo desiderato – nomeadamente face ao persistente desinteresse governamental –, ter-se-iam revelado factores decisivos nessa sua tomada de decisão. Intencionalidade essa que se revelaria na criação, no seio daquela mesma associação, de um grupo de pessoas suficientemente coeso, empenhado, conhecedor e desperto para a premência da perpetuação de todo um somatório de actividades, que vinham sendo delineadas, sobretudo por si, e, pelo menos, desde os primórdios da *Real Associação* (1863).

Após a criteriosa avaliação dos exames, seriam seriados os melhores alunos, aos quais se concederiam os prenunciados prémios pecuniários, para além de diplomas de incentivo a todos os que, não tendo correspondido às expectativas

---

<sup>69</sup> *Ibid.*

<sup>70</sup> *Ibid.*

iniciais, teriam revelado um destacado empenhamento ao longo do Curso, nomeadamente através da sua assiduidade.

Para além de constituírem um incentivo para que os discentes aprofundassem os seus conhecimentos nas áreas leccionadas, bem como ao aparecimento de outros tantos candidatos às subsequentes séries de prelecções sobre as temáticas abordadas, essas distinções assumiriam um outro papel, talvez menos altruísta, mas notoriamente mais pragmático e, a longo termo, possivelmente mais eficaz. Referimo-nos ao facto de que, concedendo um tal grau de solenidade e seriedade aos estudos arqueológicos, de um modo geral, e aos pré-históricos, muito particularmente, Possidónio consideraria poder fazer com que o *Curso Elementar de Archeologia* despertasse as devidas consciências institucionais para a sua implementação a um nível universitário, ao mesmo tempo que adquirir o devido estatuto no seio da nossa sociedade letrada de oitocentos, que permitisse a propagação e interiorização do seu verdadeiro estatuto científico.

Estatuto esse que seria acentuado pelo facto dos prémios e diplomas terem sido subsidiados pelo príncipe herdeiro, D. Carlos, quem, ademais, se viria impossibilitado de entregá-los pessoalmente, fazendo-se substituir, nesse acto solene e público, por um dos seus mais directos colaboradores.

Como prelúdio a essa sessão extraordinária, competiria ao discente que mais se destacara, tanto durante o Curso, como nos resultados dos exames, D. António José de Mello, proceder à leitura de uma comunicação, que seria publicada no *Boletim de Architectura e Archeologia*, em 1890.

A sua intervenção incidiria essencialmente sobre a explanação dos conteúdos programáticos das aulas ministradas por Possidónio da Silva, ao mesmo tempo que sublinharia a metodologia pedagógica aplicada no seu decurso.

Existindo, entre a vasta correspondência pessoal de Possidónio, o documento manuscrito e preparatório desse mesmo artigo, pareceu-nos pertinente proceder a uma breve análise comparativa dessa primeira versão, redigida pelo aluno em causa, e a definitiva, claramente rectificada por Possidónio.<sup>71</sup>

Constatámos, assim, que, a relativamente extensa introdução incluída no texto impresso, explorando e debatendo os conceitos de Arqueologia, Arqueologia Pré-histórica, objecto, objectivo e metodologias de intervenção inerentes à jovem ciência – nomeadamente no que ao entendimento, definição e relevância da comparação etnográfica respeitaria –, seria da exclusiva autoria de Possidónio ou, pelo menos, claramente delineada por si. Inclino-nos, todavia, para a primeira hipótese, por se depreender a presença da sua forma característica de explicar os assuntos, bem como o seu estilo literário, muito próprio.

---

<sup>71</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. VII, em 4ª, s/n, 1886.



Podemos, por outro lado, detectar outras dessemelhanças entre os dois textos, entre as quais destacaríamos uma maior relevância que a versão impressa concederia às investigações efectuadas no nosso país, de um modo genérico, e por Carlos Ribeiro, muito particularmente, bem como à importância da realização, em Lisboa, do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, para além dos estudos dolmênicos, levadas a efeito por Pereira da Costa.

Acrescentamentos e ênfases esses que decorreriam de uma nítida e legítima necessidade de se conceder uma maior projecção à Arqueologia nacional, de molde a sensibilizar um mais vasto espectro da população portuguesa para a importância que esses estudos iam assumindo no nosso território, o seu carácter percursor, bem como o crescente conceito que os mesmos iam adquirindo no seio da comunidade científica internacional. Seria, igualmente, uma forma mais de tentar legitimar a pertinência da institucionalização desses estudos entre nós.

Porquanto essa abrangência não poderia ser alcançada sem uma devida cobertura jornalística do evento, Possidónio congregaria os seus esforços, no sentido de serem publicadas pequenas notícias acerca da sessão solene de encerramento do curso, nos periódicos de maior projecção nacional. Seria o caso, entre outros, do *Diário de Notícias*, em cuja edição de 29 de Maio de 1888, se referiria, a determinado passo:

“Foi muito interessante e de grande significação por este novo elemento que entrou na instrução nacional: o ensino methodico da archeologia, em curso, embora elementar, regular. É mais um serviço que se deve á associação dos architectos e archeologos e ao seu benemerito presidente [Possidónio da Silva].”

Perante o sucesso alcançado com a primeira realização do *Curso Elementar de Archeologia*, Possidónio certamente que perspectivaria a sua continuação. Contudo, esse seu intuito não seria concretizado. Poderemos conjecturar sobre as razões que teriam estado na base dessa descontinuidade, nomeadamente referindo o facto de que a época que decorreria entre 1889 e 1893, seria particularmente difícil para a vida interna e externa do nosso país, de tal forma que acabaria por reflectir-se na própria vivência associativa.

Influência essa que se denotaria, por exemplo, na notória irregularidade com a qual as reuniões associativas passariam a ser convocadas, como ainda – e, possivelmente o aspecto mais significativo de todo esse processo –, a interrupção da publicação do órgão impresso oficial da *Real Associação*, o *Boletim de Architectura e Archeologia*, precisamente durante esses anos. Revista essa que, aliás, já vinha sendo financiada pessoalmente pelo próprio Possidónio, desde meados dos anos setenta, ou seja, desde o início da sua 2.ª série.

Na verdade, factores tão díspares como o falecimento de D. Luís, um dos principais, e mais activos colaboradores e financiadores das inúmeras actividades encetadas no seio associativo, o desfecho da questão do “Mapa-Côr-de-Rosa” e

todo um somatório de acontecimentos subjacentes ao “Ultimatum Inglês”, teriam estado na base do decréscimo da vida cultural no seio daquela instituição particular.

Não obstante, Possidónio não deixaria de delinear toda uma outra série de projectos, no cerne dos quais se encontraria, então, como sempre, a preocupação em incentivar a implementação e desenvolvimento dos estudos arqueológicos no nosso país que, entretanto, já iam frutificando e granjeando notoriedade além-fronteiras.

Seria imbuído desse espírito, bem como de uma profunda convicção de que somente através de uma persistente campanha de sensibilização se poderia aspirar inculcar, num crescente tecido social português, a premência de se instituírem os estudos arqueológicos no nosso país, que Possidónio ponderaria a necessidade – e eficácia –, de organizar outro tipo de eventos que fossem suficientemente apelativos.

E, as denominadas “excursões arqueológicas” – verdadeiras visitas de estudo –, encontrariam um lugar de destaque nesse seu propósito.

Assim, e à semelhança do que se praticaria noutras sociedades congêneres estrangeiras (onde, aliás, a denominada “excursão científica” seria já praticada em pleno setecentos, apesar de que a sua primordial finalidade constituísse, então, a recolha de um número suficiente de materiais que possibilitasse o preenchimento das salas de exposição das suas próprias colecções particulares, isto é, dos denominados “gabinetes de curiosidades”), Possidónio prepararia visitas de estudo a alguns dos principais sítios arqueológicos, entretanto descobertos no nosso território. Seria ele, ainda, quem explicaria a necessidade da implementação dessa prática no nosso território, ou seja, precisamente em virtude dos bons resultados que a mesma teria alcançado noutros países:

“O Ex.mo Snr. Presidente lembrou a Assembleia que em todos os países cultos, onde existem sociedades científicas e artísticas, principalmente sendo architectonicas e archeologicas, costumam os seus socios de tempos a tempos fazer excursões de instrucção, já visitando os principaes estabelecimentos scientificos, já os principaes monumentos, tanto do pais onde tem a sua séde, como dos países estrangeiros. Era para sentir que entre nós não houvesse tal costume....”<sup>72</sup>

Iniciativa essa que Possidónio passaria a colocar em prática, sobretudo a partir de meados dos anos setenta, ou seja, coincidentemente com o despontar de todo um conjunto de iniciativas que, na sua totalidade, revelariam o seu despertar definitivo para todas as temáticas concernentes à Arqueologia Pré-histórica, muito particularmente (*Vide supra*).

---

<sup>72</sup> A.H./A.A.P., *Actas da Assembleia Geral*, n.º 132. Documento transcrito, com o n.º 139, no 3.º volume do seguinte trabalho: Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*

As visitas seriam preparadas com a principal finalidade de dar a conhecer, *in loco*, algumas das mais significativas e representativas estruturas arqueológicas portuguesas, e sobre as quais os seus discentes – para quem, na verdade, essas “excursões” revelar-se-iam um incontestável e imprescindível complemento aos conteúdos programáticos, por exemplo, do Curso de Archeologia –, e demais consócios, ter-se-iam, entretanto, inteirado, nomeadamente através de artigos publicados no *Boletim*, bem como do teor das prelecções, ministradas por Possidónio.<sup>73</sup>

Consciencializando, porém, quão adversos se revelariam os portugueses, em geral, em deslocar-se para longe do circuito das suas vivências quotidianas, Possidónio sentiria uma nítida premência em preparar aquelas visitas a locais não muito distantes da capital do país:

“Não era necessario fazer longas excursões. Em volta de Lisboa se encontram muitos monumentos preciosos dignos de serio e aturado estudo – Não era necessario fazer grandes despesas; e, se qualquer Ex.mo Socio não podesse fazel-as, poderia recorrer ao cofre da Associação – Não obrigava os Ex.mos Socios a fazer taes excursões – limitava-se a apresentar a sua lembrança, e a pedir que se inscrevessem aquelles Ex.mos Socios que approvassem a sua lembrança.”<sup>74</sup>

Seria, assim, que Possidónio da Silva organizaria, por exemplo, a 7 de Abril de 1889, uma visita de estudo a alguns sítios arqueológicos da região de Lisboa:

“Começaria a primeira excursão pela visita ás ruínas de Troia em Setubal, e ás tres grutas da Quinta da Lapa, proximo de Palmella. A excursão duraria tres dias – sabbado – domingo e segunda feira e na occasião que mais conviesse. Acrescentou mais que a Associação necessitava mostrar perante o publico indifferente, que tem vitalidade a fim que despertando possa fazer com que se inscrevam na lista de seus socios muitos trabalhadores indefesos. O Ex.mo Sr. Socio Maldonado Pimentel louvou a lembrança do Ex.mo Sr. Presidente, declarou que não lhe parecia necessario recorrer ao cofre da Associação e participou que de bom grado esta prompto a tomar parte na primeira excursão [...]. O Ex.mo S. Socio Porto lembrou a conveniencia de se enviar uma circular a todos os Ex.mos Snnrs. Socios convidando-os a tomar parte na excursão.”<sup>75</sup>

O receio que expressaria relativamente à desejável adesão e assiduidade a essas suas iniciativas seria, na verdade, confirmado, porquanto a visita perspec-

---

<sup>73</sup> Maria L. E. da V. A. Santos, “Estácio da Veiga: a Carta Arqueológica e o Museu do Algarve”, *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, cord. Maria Filomena Barata, Lisboa, I.P.P.A.R., 1997, p. 52.

<sup>74</sup> *Ibid.*

<sup>75</sup> A.H./A.A.P., *Actas da Assembleia Geral*, n.º 132. Documento transcrito, com o n.º 139, no 3.º volume do seguinte trabalho: Ana C. N. Martins, *Possidónio da Silva e a Memória Histórica...*

tivada a Tróia, Palmela e Ota, não mereceria a atenção generalizada que pretendia, pelo menos a atestar pelo verificado número de desistências. Um dos consócios afirmar-lhe-ia, a esse propósito, que,

“Sint[ia] muito perder tão azada e agradável ocasião de [s]e instruir examinando as localidades e ouvindo as explicações dos entendidos archeologos que tomam parte na primeira digressão”.<sup>76</sup>

Muito naturalmente, Possidónio não seria a única individualidade a tomar essa iniciativa no nosso território. Outros arqueólogos portugueses preparariam excursões similares, como aconteceria no caso específico de Estácio da Veiga, quem, ademais, delinearía acuradamente os roteiros das visitas de estudo que preparava, ao mesmo tempo que perspectivava a publicação dos seus resultados. Entre estes últimos, será, talvez, pertinente destacarmos a metodologia utilizada nos levantamentos topográficos, os próprios diários de viagem, as descrições pormenorizadas, e circunstanciadas, do observado, a listagem dos acompanhantes, bem como as relações mantidas com as entidades locais, fossem elas individuais ou colectivas. Se essa ordem, iminente positivista, presidiria, ou não, às visitas de estudo organizadas por Possidónio da Silva, não o sabemos. Mas, certamente que não diferiria substancialmente daquela, sobretudo se atendermos a toda uma postura metódica que, desde sempre, se encontrariam subjacentes às suas múltiplas actividades, profissionais, ou não.

Paralelamente à organização daquelas visitas de estudo, Possidónio não se furtaria a acompanhar algumas individualidades, de maior relevo social, nalguns dos périplos que efectuariam pelo nosso país. Seria, por exemplo, o caso do próprio Imperador do Brasil, quem, acompanhado pelo seu neto, solicitaria a sua constante presença numa determinada *investigação archeologica*,<sup>77</sup> que projectaram efectuar em Portugal, assim que regressassem de uma digressão pelas principais capitais europeias, e antes de partirem, definitivamente, para o Rio de Janeiro. Para além da persistência de um certo espírito romântico – com recorrências ao *Grand-Tour* –, essa pretensão revelaria o incontestável prestígio que Possidónio desfrutaria, tanto no seio da própria Casa Real portuguesa, como no dos seus mais directos familiares.

<sup>76</sup> I.A.N./T.T., *Idem*, t. XXI, em 8.ª, doc. 4228, 1889.

<sup>77</sup> “Chronica da nossa associação”, *Boletim de Architectura...*, 2ª série, t. V, n.º 9, 1887, p. 142.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços envidados por Possidónio, no sentido de promover a instauração dos estudos arqueológicos no nosso país, não se revelariam, efectivamente, inglórios e circunstanciados. Pelo menos, no âmbito associativo.

Com efeito, um dos mais destacadas consócios, A. E. de Freitas Cavaleiro e Sousa, realizaria um ciclo de conferências, que intitularia *Paleon-Ethnologicas*, em meados de 1888. Designação essa que, no fundo, denunciaria a aceitação de um quadro epistemológico muito concreto, relacionado com a crença, então largamente difundida no seio de uma vasta comunidade científica europeia, segundo a qual se poderia apreender as vivências materiais das comunidades pré-históricas, apenas mediante a aplicação do método de comparação etnográfica. É o que poderemos inferir das suas palavras, ao afirmar que "... a humanidade prehistorica, tan' relacionada com a moderna, sua representante legitima, decorridas milhares de gerações e realizadas centenas de evoluções sociaes e paleontologicas."

O folheto informativo dessas prelecções evidenciava a reiteração de um conjunto de pressupostos teóricos que Possidónio explanara e arguira no decorrer do *Curso Elementar de Archeologia*:

“THEMA = Origem e desenvolvimento d’as raças humanas atravez d’os seculos. ARGUMENTO = Origem d’o homem, segundo a theoria darwiniana. O homem primitivo, propriamente dito, é muito anterior a o diluvio biblico. O homem não é oriundo d’a Asia e menos ainda d’a Europa, mas d’a Africa. A propagação d’a especie humana operou-se d’a Africa para a Asia, e d’aqui para a Europa, etc. São tres as phases porque passou a civilisação d’essa especie, e tres os typos principaes d’a mesma especie. A civilisação e aperfeiçoamento d’a humanidade acompanhou evolutivamente esta na sua longa peregrinação terrestre.”

Para além de se denotar, nessa passagem, uma inflexão, concernentemente à teoria do *ex orient lux*, – bem como a influência da tese africanista do investigador espanhol Tubino (com a qual Possidónio discordaria) –, sublinhava-se também a supremacia, definitiva, de uma postura iminentemente positivista, no tocante à investigação arqueológica. É o que demonstram as seguintes palavras:

“Assim ligaremos a historia d’as nações á d’a Terra que lhes serve de teatro; mas historia que não prefira a revelação, a fé d’o erro, que deve envergonha-la, á duvida prudente d’a sabedoria, que a exalta; aceitando sim hypotheses, mas fundadas nas bases solidas d’a sciencia. Não tomar por base as reliquias d’os systemas dogmaticos, que tem por oraculo supremo a Aristoteles, sim consultar a sciencia; em vez de principios arbitrarios, a intuição philosophica, que foi a base d’os importantes estudos que abrilhantam o seculo XIX [...].”

Seria, no fundo, a evidência evolucionista a sobrepor-se, finalmente, ao secular dogma creacionista, num ambiente iminentemente neo-iluminista, ou, por outras palavras, positivista.

Seria com essa mesma vontade inabalável, de demonstrar a inequívoca validade das investigações pré-históricas, que Possidónio teria concedido uma notória primazia ao seu estudo, durante o *Curso Elementar de Archeologia*. Com efeito, não nos passou despercebido o facto da sua primeira parte – integralmente dedicada à Arqueologia Pré-histórica –, não ter apenas revelado um maior peso, no Curso em geral, chegando mesmo a totalizar mais de metade do tempo que lhe seria concedido, como auferiria de uma atenção, de uma propaganda e projecção nacionais, largamente superior à segunda, integralmente devotada à Arqueologia Histórica.

Evidência essa que demonstrava bem a consciência de Possidónio relativamente à urgência da implementação e disseminação daqueles estudos no nosso país, bem como à diferenciação de estatuto científico, que seria ainda concedida, entre nós, àquela que se entendia constituir a Arqueologia, ou seja, a Histórica, e à Pré-histórica.

Por outro lado, o Curso de Arqueologia, coordenado por Possidónio, constituiria, inegavelmente, um poderoso incentivo para o surgimento de outros tantos no nosso país.

Na verdade, seria o arqueólogo algarvio, Estácio da Veiga, quem mais veementemente defenderia a sua implementação a um nível nacional. No seu *Programa para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal*, entregue ao Ministério da Instrução Pública, em 1890, Estácio da Veiga chegaria, mesmo, a perspectivar a instituição de um ensino liceal e universitário da Arqueologia.<sup>78</sup>

Por outro lado, o sucesso alcançado com o Curso ministrado por Possidónio, impulsionaria, de forma definitiva, a votação parlamentar, ainda durante o ano de 1886, da instituição da primeira cátedra de Arqueologia no nosso país, no âmbito da Universidade de Coimbra. Não obstante, esse lugar permaneceria por ocupar durante cinco anos.

Esse, ter-se-ia revelado, em última instância, o culminar de um longo percurso, que Possidónio começara a trilhar, ainda durante os anos quarenta, quando a ausência de estudos específicos sobre História da Arte, em geral, e da Arquitectura, em particular, se encontrariam precária e superficialmente implementados no nosso ensino. Facto que o incentivaria a redigir, ulteriormente, dois verdadeiros compêndios de Arqueologia, cujos conteúdos perspectivara deverem ser ministra-

---

<sup>78</sup> Victor dos S. Gonçalves, "Estácio da Veiga: um programa para a instituição dos estudos arqueológicos em Portugal. 1880-1891", *História e Crítica*, Lisboa, 1980.

dos nos mais variados estabelecimentos de ensino portugueses, incluindo os próprios seminários. Tudo, em nome de uma efectiva salvaguarda da memória nacional, na qual se deveriam rever as populações sediadas nas suas mais diversas localidades e regiões, contribuindo, dessa forma, para a cimentação de uma necessária unidade sentimental e cultural, em prol da independência geográfico-política do nosso território.

## REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICAS

1.

A.M./A.A.P., *Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses IAN/TT, Correspondência Litteraria e Scientifica de J. Possidonio N. da Silva.*

2.

ARNAUD, José M. (2000) – “Possidónio Percursor do Ensino e da Investigação Arqueológica em Portugal”, *Arqueologia e História*, vol. 51, Lisboa, A.A.P./Colibri.

BINFORD, Lewis R. (1991) – *Em Busca do Passado*, Lisboa, Pub. Europa-América.

C., J. C. N. (1842) – “O Mundo Primitivo”, *O Panorama*, 2.ª série, n.º 1, Lisboa.

CARANDINI, Andrea (1981) – *Storie dello Scavo Archeologico*, Bari, De Donato.  
*Catalogo do Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, (1891) – Lisboa, Typographia Universal.

CHOFFAT, Paul (1892) – “Esquisse de la Marche de l'Étude Géologique du Portugal”, *Revista de Portugal*, vol. IV, Porto, Livraria Portuense.

“Chronica da nossa associação” (1877) – *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t.V, n.º 6, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.

“Chronica da nossa associação” (1885) – *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. IV, n.º 9, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.

“Chronica da nossa associação” (1887) – *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. V, n.º 9, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.

“Chronica” (1876) – *Boletim de Architectura e Archeologia e Archeologia*, 2.ª série, t. I, n.º 10, Lisboa, Lallemand-Frères.

COLES, John (1977) – *Arqueologia Experimental*, Lisboa, Bertrand.

*Correspondência Epístolar entre Emilio Hübner e António Mesquita de Figueiredo (Arqueologia e Epigrafia). 1898-1900* (1948) – Lisboa, Impressão Portugal.

DANIEL, Glyn (1968) – *El Concepto de Prehistoria*, Barcelona, Editorial Labor.

DÉCHELETTE, J. (1908) – *Manuel d'Archeologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, t. I, Paris, Picard et Fils.

DENNELL, Robin (1996) – “Nationalism and Ideology in Britain and Europe”, *Nationalism and Archaeology*, ed. John A. Atkinson, Ian Banks, Jerry O'Sullivan, Gaslgow, Cruithre Press.

GONÇALVES, Victor dos S. (1980) – “Estácio da Veiga: um programa para a instituição dos estudos arqueológicos em Portugal. 1880-1891”, *História e Crítica*, Lisboa.

GONÇALVES, Victor dos S. (1980) – “IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica (Lisboa, 1880). Crónica de Bordalo Pinheiro”, *Actas do IV*

- Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, Vítor dos S. (1993) – “O Congresso Internacional de 1880”, *História de Portugal*, dir. João Medina, t. I, Lisboa, EdiClube.
- GRAN-AYMERICH, Ève (1998) – *Naissance de l'Archéologie Moderne. 1798-1945*, Paris, C.N.R.S.
- GRIFFITHS, T. (1996) – *Hunters and Collectors*, Cambridge, Cambridge University Press
- HENRIQUES, Júlio A. (1866) – *Antiguidade do Homem*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- JORGE, Susana de O. (1990) – “A Consolidação do Sistema Agro-Pastorial”, *História de Portugal. Das Origens à Romanização*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Ed. Presença.
- La Science pour Tous. Sur la Vulgarisation Scientifique en France de 1850 à 1914* (1999) – dir. Bruno Béguet, Paris, Bibliothèque du CNAM.
- LAMING-EMPERAIRE, Anne (1984) – *La Arqueología Prehistorica*, Barcelona, Ediciones Martínez Roca.
- L'Invention de la Préhistoire* (1992) – dir. Nathalie Richard, Paris, Presses Pocket.
- MARTINS, Ana C. N. (2000) – “Perspectivas Antropológicas no Museu Archeologico do Carmo” *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º, Porto, S.P.A.E. No prelo.
- MARTINS, Ana C. N. (2000) – “Possidónio da Silva, a R.A.A.C.A.P. e a Arqueologia no Portugal de Oitocentos. A Conservação dos Monumentos Arqueológicos”, vol. I, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, A.D.E.C.A.P.
- MARTINS, Ana C. N. (1999) – “Possidónio da Silva, a R.A.A.C.A.P. e os Estudos Pré-históricos no Portugal Oitocentista”, *Arqueologia*, n.º 24, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- MARTINS, Ana C. N. (2000) – *Possidónio da Silva e a Memória Histórica. Um Percorso na Arqueologia Portuguesa de Oitocentos*, Texto Policopiado, Tese de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Lisboa, F.L.U.L., 2000.
- MARTINS, Ana C. N. “Vicissitudes de um *Levantamento* de Monumentos Históricos”. No prelo.
- MATOS, Sérgio C. (1999) – “Leite de Vasconcelos no Debate Acerca da Formação de Portugal: um Confronto com Oliveira Martins”, *O Arqueólogo Português*, série. IV, vol. 11/12, Lisboa, M.N.A.
- MELLO, António J. (1877) – “Dissertação”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. II, n.º 4, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- MELLO, Antonio J. de (1890) – “Dissertação”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. VI, n.º 8, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- MELLO, António José de (1885) – “Um Curso Elementar d' Archeologia no Museu do Carmo” *Revista Militar*, Lisboa, Typographia da Casa da Moeda, 1885.
- “Monumentos célticos ou druidicos” (1853) – *O Panorama*, 3.ª série, n.º 2, 1853.
- PAÇO, Afonso do (1983) – “Carlos Ribeiro”, *Dicionário de História de Portugal*, t. V, dir. Joel Serrão, Porto, Liv. Figueirinhas.
- PAÇO, Afonso do (1983) – “Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado”, *Dicionário da História de Portugal*, t. II, dir. Joel Serrão, Porto, Liv. Figueirinhas.
- RAPOSO, Luís (1999) – “Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil”, *O Arqueólogo Português*, vols. 11/12, Lisboa, M.N.A.



- SANTOS, Manuel F. dos (1985) – *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Verbo.
- SANTOS, Maria L. E. da V. A. dos S. (1997) – “Estácio da Veiga: a Carta Arqueológica e o Museu do Algarve”, *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, cord. Maria Filomena Barata, Lisboa, I.P.P.A.R.
- Séances Générales de la Société Française d’Archéologie pour la Conservation des Monuments Historiques* (1865) – XXXIIème sésion.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1881) – “Archeologia Prehistorica”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. III, n.º 5, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1881) – “Archeologia Prehistorica. As cavernas”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2ª série, t. III, n.º 7, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- SILVA, Joaquim P. N. da Silva (1887) – “Explicação da Estampa n.º 79”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. V, n.º 7, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1890) – “Gravadores e esculptores prehistoricos”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. VI, n.º 6, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1977) – “Grutas Prehistoricas”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. II, n.º 4, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1885) – “Inscriptions très Anciennes et Rare Gravés et Peinte sur un Rocher en Portugal”, *Association Française pour l’Avancement des Sciences*, Congrès de Grenoble.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1876) – *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères, 1876.
- SILVA, Joaquim P. N. da (1888) – “Relatorio”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. VI, n.º 2, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.
- STIEBING JR., W. H. (1993) – *Uncovering the Past. A History of Archaeology*, Oxford, Oxford University Press.
- TRAVERS, Émile (1891) – *L’Enseignement de l’Archéologie en Portugal en 1890*, Caen, Henri Delesques, Imprimeire-Librairie.
- VEIGA, Estácio da (1879) – *Antiguidades de Mafra*, Lisboa, Typographia da Accademia.
- VEIGA, Estácio da (1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, t. IV, Lisboa, Impressão Nacional.
- VEIGA, Estácio da (1880) – *Memória das Antiguidades de Mértola, observadas em 1877 e relatadas*, Lisboa, Impressão Nacional.
- VILELLA, Sá (1877) – “Congresso Internacional dos Americanistas”, *Boletim de Architectura e Archeologia*, 2.ª série, t. II, n.º 4, Lisboa, Typographia Lallemand-Frères.